



Rede Nacional de
Grupos Católicos LGBT

TESTEMUNHOS DA DIVERSIDADE

Histórias de fé, amor e comunhão

nós somos o corpo de Cristo

TESTEMUNHOS DA DIVERSIDADE

Histórias de fé, amor e comunhão



Rede Nacional de
Grupos Católicos LGBT

APRESENTAÇÃO	4
---------------------------	---

TESTEMUNHOS

QUANDO AMEI MEUS DIVERSOS EUS	6
LIBERDADE É CONTAR A VERDADE: UM CAMINHO DE DESCOBERTA	8
UM ENCONTRO TRANSFORMADOR	10
UMA IGREJA ACOLHEDORA, MÃE E AMIGA	13
O AMOR QUE ME LIBERTOU ME LEVA A LIBERTAR	15
A VERDADEIRA EXPERIÊNCIA CRISTÃ NOS GRUPOS CATÓLICOS LGBTI+	17
UMA HISTÓRIA DE FÉ E AMOR	19
MAIS LIVRE E FELIZ PORQUE SEI QUEM SOU	22
ASSIM COMO DEUS, O PAPA ME ACOLHE DO JEITO QUE EU SOU	24
MULHER TRANS CATÓLICA TAMBÉM TEM FÉ	25
A BOA FILHA À CASA TORNA	26

EU E DEUS, DE MÃOS DADAS, ENCONTRAMOS A MINHA SEXUALIDADE	28
RUMO À AUTOACEITAÇÃO	32
A LUZ NO FIM DO ARCO-ÍRIS	34
TEM SIDO ASSIM... ..	35
RENOVAÇÃO DA MINHA FÉ	37
SOB A CRUZ E A ESPADA	39
EU POSSO SERVIR A CRISTO SENDO QUEM SOU	41
SOBRE SER MAMI (MÃE DE AMOR INCONDICIONAL)	42
PAIS E MÃES NÃO DESISTEM DOS SEUS FILHOS	44
ENTRE IDAS E VINDAS, A CAMINHO DE CASA	45
POSFÁCIO	49
A REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT NO BRASIL	51
CONTATO	56

APRESENTAÇÃO

CRIS SERRA

EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA REDE NACIONAL
DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT

Junho é um tempo muito especial para nós, pessoas LGBTQI+. Foi no final desse mês, em 1969, que, lideradas principalmente por mulheres trans, as pessoas que frequentavam o bar Stonewall Inn (um dos redutos da diversidade sexual e de gênero de Nova York) levantaram-se contra os abusos policiais de que eram vítimas cotidianamente. A partir de 1970, o episódio passou a ser recordado e celebrado por nossa comunidade não só no 28 de junho, mas, com o tempo, por todo o sexto mês de cada ano. É quando honramos todas aquelas pessoas que vieram antes de nós e de tantas maneiras, com suas vidas, tornaram possível que estivéssemos hoje aqui. É quando festejamos o evento que se tornou, em nossa história, um marco do fim da vergonha e do medo, um marco da dignidade, do orgulho e da beleza de sermos quem somos.

Para nós, pessoas cristãs e católicas LGBTQI+, junho é tempo de celebrar a dignidade, o orgulho, a beleza e a perfeição com que Deus Mãe e Pai, em seu infinito e incondicional amor, criou a cada uma de nós. Neste ano de 2020, em meio à pandemia de COVID-19 e ao desgoverno do país, que tanto sofrimento têm causado à nossa gente, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT realizou em suas redes sociais, ao longo de todo o mês, a campanha #TestemunhosDaDiversidade. Integrantes dos nossos coletivos por todo o Brasil compartilharam generosamente conosco suas histórias de conciliação das identidades LGBTQI+ com a pertença ao catolicismo, e como a participação nos grupos da Rede vem contribuindo para a sua caminhada.

Como pessoas LGBTQI+ católicas, recebemos o chamado profético de dar testemunho de nossa fé e nossa amizade com Jesus, o Cristo, que é Deus-Conosco; da profundidade e da beleza da dádiva da diversidade com que somos abençoadas por Deus, Mãe e Pai de Amor e de Misericórdia; da materialização do sopro da Ruah divina na experiência de comunhão fraterna que vivemos em nossos grupos. E, no entanto, tantas vezes somos

alvos de violência simbólica, psicológica e espiritual nos ambientes eclesiais, quando nos representam por meio de estereótipos preconceituosos e degradantes, que reduzem a riqueza das nossas vidas e das nossas relações à desordem e à devassidão. Tantas vezes nos sentimos como objetos, quando não encontramos espaços de escuta para nossas vozes, quando não temos reconhecida a dignidade das nossas experiências concretas de filhas e filhos de Deus e membros inalienáveis da Igreja de Cristo. Mas nos recusamos a aceitar o exílio de nossas comunidades de fé e a privação do nosso espaço sagrado que tantas, tantas vezes tentam nos impor. Confiantes no Amor Incomensurável que nos abriga, nutre e anima, cumprimos nossa vocação para a amizade com Jesus, e a Ele obedecemos quando nos empenhamos em pôr nossos dons e talentos a serviço da Igreja, Povo de Deus – que é também nosso povo, e será sempre a nossa casa.

Vivemos tempos sombrios, que exigem de nós fortaleza, ânimo e esperança para seguirmos resistindo contra as trevas e lutando por um mundo melhor. Em tempos de ataques constantes à nossa comunidade, por meio dos quais o ordenamento de gênero patriarcal e cis-heteronormativo vai sendo reforçado mediante o uso, muitas vezes, de uma linguagem e símbolos cristãos, nossos testemunhos vêm se juntar à disputa de narrativas sobre o que é e o que significa o cristianismo não apenas no campo religioso, mas no espaço público mais amplo. Em convergência com outros movimentos cristãos LGBTQI+ latino-americanos, nosso cristianismo não compactua com o conservadorismo, o machismo, a misoginia, a homolebitransfobia, o antifeminismo, o racismo. Unindo nossas vozes às de nossas irmãs feministas cristãs e de nossas irmãs e irmãos dos movimentos negros cristãos, queremos revelar um seguimento de Cristo que seja coerente com Seu Evangelho. E o seguimento de Cristo, para ser coerente com Seu Evangelho, precisa levar ao engajamento na luta antirracista e pelos direitos humanos – inclusive os direitos sexuais e à livre expressão de gênero, no marco da laicidade do Estado. Para ser coerente com o Evangelho, quem caminha com Cristo precisa unir-se à luta por igualdade e justiça para todas as pessoas – especialmente as mais marginalizadas, como as LGBTQI+ – dentro e fora das Igrejas cristãs. Que o fogo do Espírito siga se derramando abundantemente sobre nós e nos inspire nesta caminhada de resistência, luta e coragem que é a construção do Reino para todas as pessoas.

Brasil, julho de 2020

QUANDO AMEI MEUS DIVERSOS EUS

BP, 24 ANOS
MULHER CIS LÉSBICA
RIO DE JANEIRO (RJ)

“Porque, como o corpo é um todo com muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo. [...] Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros.” (1 Co 12, 27)

A prática religiosa marca minha identidade desde pequena: meu percurso é o clássico de quem nasceu e cresceu na Igreja Católica. Batizada, catequizada e crismada, fui a criança que subiu ao presbitério a cada domingo para fazer a leitura, vestidinho florido e coração palpitante. Mais tarde, passei a fazer parte do ministério de música, que componho até hoje como cantora e instrumentista. A religiosidade sempre foi uma parte importante do meu Eu.

Apesar de uma vida crescida no ambiente paroquial, esse mesmo Eu-Religião, aos 18 anos, questionou-se sobre sua vocação na Igreja: “o que Deus quer de mim?” A oração-pergunta foi feita em 2014, durante o retiro de Carnaval. Pela Providência, a temática do

encontro foi o Amor misericordioso de Deus. Lembro que, em meu momento de oração, me entreguei à vontade dEle como jamais fizera. “Deus, me ajuda também a enxergar a Tua vontade”.

A resposta veio naquele mesmo ano, mas de uma forma que eu jamais esperei. Alguns meses após o retiro, dei-me conta de que meu gostar não se endereçava a rapazes, mas a moças. A partir de então, experimentei a angústia de encarar um espelho inquisidor que se tornara um velho desconhecido. Experimentei também a tranquilidade da intranquila descoberta. Por um lado, eu custava a acreditar que aquela era Eu; mas, por outro, uma parte importante de mim viera à luz para explicar muito do que sentia. O Eu-Afeto apresentou-se ao Eu-Religião.

“Quero ser quem sou sem abandonar minha Fé. Sei que sou capaz, meu Deus” – escrevi à época. Foi uma fase espinhosa de conhecer-me e perceber-me fazendo parte de um grupo cuja vivência é negada



e silenciada pelo magistério da Igreja. Atribuo minha perseverança, em grande medida, ao Diversidade Católica, que descobri e passei a frequentar nessa época. Então, encontrei-me como lésbica católica – pois não podia abrir mão de minha religiosidade praticada semanalmente na Igreja – e como católica lésbica – pois não podia negligenciar o apelo (então consciente) de meu corpo-afeto pelo feminino.

Hoje percebo que esses Eus não são, de maneira alguma, excludentes. Na verdade, têm entre si uma relação de sinergia. O Eu-Religião confere sentido e força ao Eu-Afeto: percebo a manifestação de Deus em meu amor e é nEle que busco forças para enfrentar os percalços desse caminho. Por sua vez, o Eu-Afeto corporifica o Eu-Religião pela minha vocação de testemunhar uma (r)existência presente e sempre ávida por reclamar, a cada dia, o lugar de que os LGBTs foram tão alienados ao longo do tempo. Eu estou aqui e desejo que tantos outros estejam, para que possamos enriquecer as cores do Corpo de Cristo.

Eu amo meus diversos e coloridos Eus. Eu sou a(fê)to.

LIBERDADE É CONTAR A VERDADE: UM CAMINHO DE DESCOBERTA

EG, 24 ANOS
PESSOA NÃO-BINÁRIA LÉSBICA
TERESINA (PI)

Tenho 24 anos e vivi 7 anos fingindo ser uma coisa que eu não era. Cresci na igreja. Desde muito pequena minha mãe levava a mim e minha irmã. Crescemos dentro dos valores da fé cristã, e não há herança maior que me pudesse ser deixada. Fazia parte da renovação carismática católica, da liturgia da comunidade, estava sempre na igreja, e tudo seguia muito bem, até que mais ou menos com 14 anos começou uma dúvida que daria início a um longo sofrimento que duraria mais 7 anos.

Eu era bailarina e tinha uma menina que fazia aulas comigo que eu sempre admirei muito, eu sempre observava ela dançar e nossa, era a melhor hora do meu dia. Eu não tinha muita ideia do que era isso até o dia que ela precisou ir embora. Isso me machucou tanto, e não fazia sentido nenhum porque nem éramos tão amigas. Eu não podia sequer pensar na possibilidade de estar apaixonada, porque era uma garota, né?

Passado esse momento, a história volta a se repetir, só que agora com 16 anos. Na escola que eu estudava entrou uma menina nova e ela veio justamente para a minha classe. Viramos amigas, e sempre saíamos juntas com mais duas amigas. Só que tinha um problema, ela tinha uma fixação e se importava demais com uma das meninas do nosso grupo, e isso me incomodava. Daí eu percebi que estava acontecendo de novo, e eu não podia deixar. Era errado, eu tinha que lutar contra aquilo. Eu rezava, chorava, e me sentia um lixo por gostar daquela menina. Eu precisava acabar com isso, e foi aí que cometi um grande erro. Me envolvi com um bom rapaz que estudava comigo pra tentar esquecer a moça, e assim vivi um relacionamento de 5 anos.

E foram longos anos em que enganei esse jovem, o fiz sofrer, porque de fato não queria estar com ele. E eu sabia. Durante nosso relacionamento minha mente nunca estava em paz, porque ele não estava

plenamente feliz, e eu muito menos, porque quando se tenta mentir para si mesmo e para o outro, a culpa vem em dobro. Mas eu não conseguia sair dali, porque aquele relacionamento era minha fuga de mim mesma, do meu suposto pecado. Cheguei a ficar noiva, mas já não aguentava mais aquela situação, então eu rezei pra Deus me libertar, e disse exatamente essas palavras: "Deus, o Senhor sabe que não estou feliz, sabe como eu me sinto, sabe tudo que passa dentro de mim. Se for da tua vontade, ok, eu continuo aqui, eu me caso e todo o resto, mas se não for, meu Deus, por favor, faça com que esse rapaz termine esse relacionamento por conta própria, que ele queira sair, porque eu não vou conseguir nunca". Meu pedido foi ouvido: um mês depois desse dia, a gente terminou.

Eu não tenho nem palavras pra descrever como foi minha vida depois disso. No começo não foi fácil, porque me assumi e tive que enfrentar julgamentos

de todos os lados. Mas eu estava em paz comigo mesma, e estava segura de que Deus me amava como eu era, porque Ele me falou em oração. Eu parei de mentir para mim e para todo mundo, e isso me fez viver melhor, me aproximar mais de Deus, pois quando estamos mentindo a culpa nos afasta cada vez mais dEle.

Eu entendo que ser LGBTQIAP+ seja estranho aos olhos da maior parte da sociedade, porque foi estigmatizado, foi marginalizado, e isso é uma cruz que temos que carregar, pois gera violência e preconceito – coisas contra as quais Jesus sempre lutou. Mas eu não vou me vitimizar, porque Deus disse que essa vida não ia ser fácil. E é por isso que luto todos os dias para que as pessoas percebam que somos gente como todo mundo. Pessoas que amam, que sofrem, que se alegram, que têm uma família e entes queridos, que têm sonhos, que têm fé e que também são filhas de Deus.

UM ENCONTRO TRANSFORMADOR

EC, 32 ANOS
HOMEM CIS GAY
SÃO PAULO (SP)

Frequento a igreja desde os 10 anos de idade, quando ainda fazia catequese. Por gostar muito de ir à missa, com 12 anos tive o desejo de ser padre. Àquela altura, a possibilidade da vocação sacerdotal também aparecia como forma de ocultar ao mundo uma verdade sobre mim até então inconveniente: eu sentia desejo por meninos, não por meninas. Também àquela época ouvi falar pela primeira vez na igreja que aquilo que eu sentia era pecado, não era aprovado por Deus e, portanto, eu deveria ou viver no celibato ou pedir que Deus me curasse.

Durante minha adolescência, vivi um dilema interior: sabia muito bem o que desejava e não via mal algum naqueles sentimentos; por outro lado, amava a Igreja e me angustiava a possibilidade de ter de abandonar a fé e a comunidade à qual pertencia caso eu assumisse, um dia, minha homossexualidade – que palavra era esse!

Foi então que, aos 14 anos, conheci grupos de oração carismáticos e comecei a frequentar eventos desse movimento religioso. Ali, aparentemente eu me encontrei: me emocionava nas missas, nos louvores, nos cenáculos, seminários de vida. Passei a ler livros que falavam sobre o pecado e, quase sempre, tinha uma seção falando do “homossexualismo”: em geral, citavam o Levítico para mostrar que o pecado levava à morte. Me lembro o dia em que, depois de ler um daqueles livros, orei a Deus pedindo a cura e, em seguida, saí na rua para ver se a oração tinha surtido efeito. Ao perceber que Deus não atendera a minha prece, um misto de culpa e medo se apossou de mim: eu devia estar tanto em pecado que nem Deus me ouvia, não tinha mais salvação.

Até o fim da minha adolescência, portanto, vivi o conflito interior de modo muito intenso, me culpando, tentando fugir de encarar aquela realidade, sentindo

muita culpa cada vez que dava vazão aos meus desejos e sentimentos. Entrei numa espiral de mentiras: fingia para mim mesmo interesse em meninas, e até cheguei a ficar com algumas, criando nelas falsas esperanças e em mim, falsas verdades. Passava o dia inteiro rezando e me escondendo na devoção religiosa. Em algum momento, aquilo passou a perder o sentido pra mim.

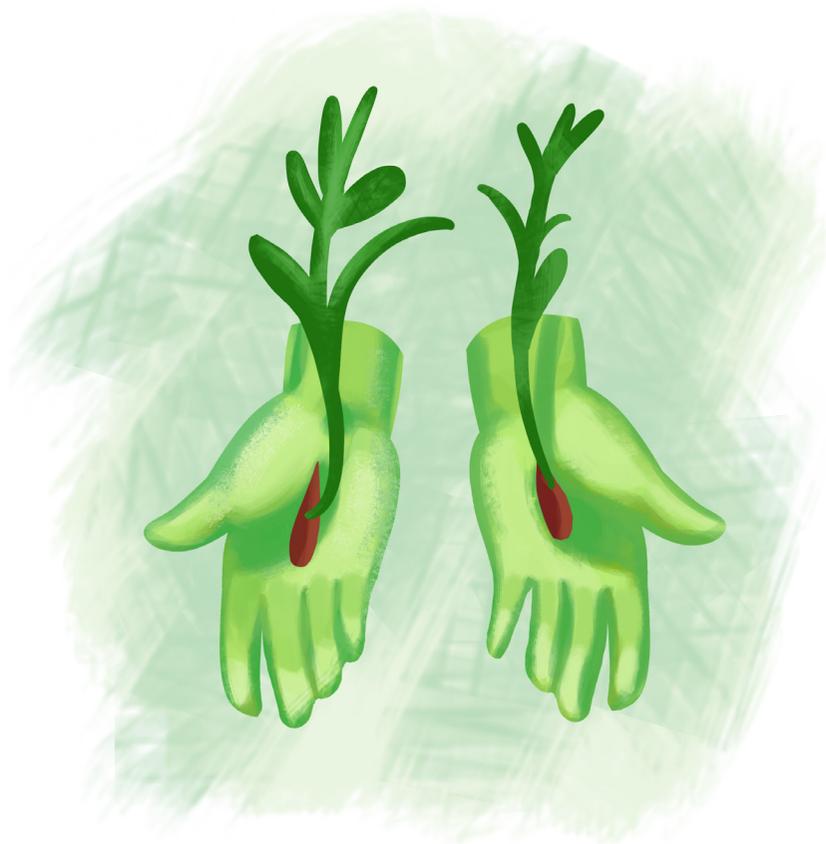
Com 18 anos, já não suportando mais fingir que não sentia o que sentia, decidi que, se um dia eu me tornasse padre, não poderia ser para fugir dos meus desejos, e os encarei. Tive pela primeira vez um relacionamento homossexual com um colega que conheci no tempo da faculdade. Foi minha primeira experiência no “mundo homossexual”, esse lugar cheio de... pessoas, com sonhos e desejos, como quaisquer outras, e isso me marcou muito: minha experiência pessoal questionava frontalmente os discursos religiosos a que eu fora submetido. Se existia algum mal, não era no ser gay, no namorar com alguém do mesmo sexo ou frequentar esse “meio homossexual”, mas sim na culpa que me foi introjetada e que demorou muito para ser superada.

Finalmente, em 2013, um colega de faculdade me convidou para participar de um grupo de católicos gays, que se reunia em São Paulo. Ao saber da existência desse grupo, fiquei muito surpreso e curioso para conhecê-lo. Resolvi ir numa das reuniões,

que aconteceu na casa de um sacerdote, já que o grupo não podia se reunir publicamente. Ao estar presente naquela missa ali celebrada, de modo tão familiar, tive uma das experiências mais importantes da minha vida: me senti amado e querido por Deus, sem ter que negar meu desejo e minha sexualidade. Ao comungar, me senti pleno em meu corpo, comungando do corpo de Cristo e me tornando um com Ele, sem necessidade de arrancar de dentro de mim nenhuma dimensão da minha existência.

Desde então, pude superar a visão equivocada segundo a qual a homossexualidade leva à perdição e ao pecado. Conheci pessoas incríveis naquele grupo e, depois, em outros grupos espalhados pelo Brasil: pessoas como eu, homens e mulheres que experimentaram Deus na alegria de “sair do armário”. Aquela experiência me permitiu vivenciar minha sexualidade e meu afeto sem culpa, fazendo-me dom para outros, no compromisso com a inclusão das pessoas LGBT na Igreja e a construção do Reino de Deus no mundo.

Hoje, eu mesmo contribuo na coordenação de outro grupo de católicos LGBT que surgiu na cidade e isso é para mim motivo de alegria e esperança: alegria, pois enxergo nos corpos de tantos irmãos e irmãs LGBTs as chagas do Cristo, como marcas de morte, mas também de ressurreição; esperança, porque sei que um dia toda a Igreja vai perceber que, no coração



do Evangelho, não existe espaço para exclusão e que todas as pessoas, em sua sexualidade diversa e plural, são chamadas à comunhão com Deus em Jesus Cristo. Sem necessidade de se mutilarem interiormente e jogarem fora sua sexualidade e seu afeto. Sem culpa, condenação nem desespero. Deus, no final das contas, é um Pai-Mãe amoroso que chama (também a nós, LGBTs) à liberdade e à vida em abundância.

UMA IGREJA ACOLHEDORA, MÃE E AMIGA

IG, 30 ANOS
MULHER CIS LÉSBICA
SÃO PAULO (SP)

Eu não tive uma base religiosa. Não sou a típica católica que nasceu numa comunidade e durante anos participou de grupos de jovens, ou via na religião um dos seus alicerces. Não. Eu era a rebelde com religiões (não frequentava nenhuma, mas detestava todas), achava que religião era alienação (talvez, em certa medida e com mais consciência dessa fala, ainda ache). Nunca aceitei que um líder, tão humano quanto eu, ditasse o que eu precisava fazer ou não da minha vida, com base nesse ou naquele livro sagrado.

Mas, em 2008, eu comecei a namorar uma menina que vinha com essa carga religiosa. Inclusive, sua família inteira é extremamente cristã. Como o atual presidente do Brasil, adora gritar aos quatro cantos que é. Nos primeiros anos do nosso relacionamento, tínhamos muitas discussões sobre essa questão religiosa: ela, que sempre fora líder jovem, sentia muita falta da igreja, e constantemente procurava

padres para se confessar e que dessem a esperada bênção-confirmação de que ela não iria para o inferno. Eu achava tudo aquilo uma bobagem.

Pelo bem do meu relacionamento e sanidade mental da minha esposa, passei a frequentar as missas de domingo para acompanhá-la; algumas de cura e libertação chegavam a demorar 7, 8 horas. Um martírio para mim. Um dia, encontramos uma paróquia e passamos a frequentar de forma assídua. O padre, um cara fantástico, foi o primeiro que nos deu sua bênção sobre nosso relacionamento. Inclusive, fazia questão de nos confessar juntas sempre que quiséssemos. Ela gostava do acolhimento e eu gostava do fato de a santa de devoção ser a santa dos endividados. Demos um match perfeito.

Passamos alguns anos frequentando esse local, até que o pároco foi transferido e um novo, conservador, entrou. Nessa época, eu já estava

muito mais habituada ao catolicismo e, inclusive, já me considerava como católica, com todas as minhas ressalvas ainda presentes. Como ficamos órfãs de acolhimento, começamos a procurar um outro local que pudéssemos sentir o mesmo amor de Cristo nos abraçando. E foi em 2017 que nos deparamos com o Diversidade Cristã Brasília.

Posso dizer que foi um amor à primeira vista. O grupo se reúne no espaço dos jesuítas, então passamos a frequentar as missas daquele local também. E, nos últimos três anos, pude explorar minha relação com a minha fé cristã, minha religiosidade e, principalmente, acompanhar de perto a quantidade de pessoas que sofrem por não encontrar espaços onde se sintam acolhidas. Fui coordenadora do grupo nos últimos dois anos e senti que ali estava a minha missão.

Falar de Deus, de uma igreja acolhedora, mãe de verdade e aberta para todos, independentemente da sexualidade. Batizamos filhos de casais homossexuais, conheci outras comunidades de fé cristã, como os anglicanos, que realizaram casamentos religiosos de amigos meus e vejo, diariamente, o quanto uma igreja aberta para todos tem um poder transformador na vida das pessoas.

Hoje me vejo cristã, militante e livre para falar: Sim, sou homossexual a serviço e com o propósito de construir uma igreja acolhedora, mãe e amiga de qualquer pessoa que dela quiser participar. Tomei o meu cajado, minhas sandálias e resolvi servir a Cristo. Saí da coordenação do DC-BSB em fevereiro, mas com a missão de levar a palavra de amor que encontrei a todos que cruzarem o meu caminho.

O AMOR QUE ME LIBERTOU ME LEVA A LIBERTAR

LMC, 33 ANOS
MULHER CIS LÉSBICA
FORTALEZA (CE)

Não fui criada em um lar católico. Passei minha infância e início da adolescência transitando entre terreiros e mesas brancas nas reuniões espíritas. Tive meu primeiro contato com a Igreja Católica, de forma concreta, aos 15 anos, quando, por convite de amigos, fui conhecer um grupo de oração da renovação carismática. Sou cria da oração em línguas, dos seminários de vida no Espírito Santo, missas de cura e libertação.

Nunca fui muito ligada em namorar, era algo muito secundário. Mas, aos 18 anos, tive meu primeiro namorado, não foi legal. Depois, aos 20 anos, em um segundo relacionamento, não me sentia confortável, me sentia estranha, mas não conseguia entender o que estava acontecendo. Nessa época da minha vida eu estava ainda mais engajada na comunidade carismática de que eu participava. Era pastora de um grupo com quase 50 jovens no ministério do pastoreio, estava à frente, pessoalmente ou como núcleo, de

várias atividades. Sentia em meu coração o desejo de uma vida consagrada, e comecei o vocacional. Fiz experiência em casas comunitárias da comunidade, onde viviam os consagrados e missionários. Pensava que por isso os relacionamentos não davam certo e eu não sentia nada (até o beijo era ruim).

Até que o inesperado/esperado aconteceu. Me apaixonei pela minha melhor amiga na época. Descubri que beijar é maravilhoso, rsrs, fui tomada por sensações e emoções incríveis, e não sabia o que pensar sobre as minhas funções e projetos dentro da comunidade. Esse primeiro relacionamento durou poucos meses, até que conheci alguém que mudou tudo, uma paixão avassaladora. Naquele momento, ciente dos meus sentimentos e da minha orientação sexual, iniciaram os conflitos, as culpas. Na busca por ajuda, ouvi coisas horríveis, intervenções como me afastar de amigos homossexuais, missa e terço diário, confissão, formações... O pior de tudo: fui

afastada de todas as minhas funções, do vocacional, fiquei dilacerada e sem rumo, porque minha vida girava em torno de um futuro como missionária e em pouco tempo não tinha mais nada. Tempos difíceis, eu não era assumida, ainda estava me aceitando e me descobrindo, uma caminhada solitária, me afastei da Igreja e de Deus. Era um vazio que me consumia, saudades, saudades, saudades...

Na busca de preencher esse vazio, amadureci, conheci novas possibilidades de ser, mas nada foi tão radiante aos meus olhos, nada foi tão restaurador, quanto conhecer o Diversidade Católica (RJ). Na página do Facebook, eu lia as postagens e não acreditava, então busquei contato, e uma pessoa me acolheu com muito amor, disse que não existia grupo em minha cidade, mas quem sabe eu poderia dar início a um. Pouco tempo depois, recebi a notícia de que um rapaz do Rio de Janeiro viria

morar em Fortaleza, e a possibilidade de existir um grupo aqui foi se tornando mais real.

Em 22 de fevereiro de 2014 tivemos o primeiro encontro do Diversidade Católica Fortaleza. Lembro de dizer que aquele momento era meu presente de aniversário, que foi no dia anterior. Não tenho palavras para agradecer e explicar o quanto a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT é importante para mim. Aprendi a me orgulhar de quem eu sou, conheci padres que me acolheram e, para mim, o mais importante de tudo: Deus me deu a Graça de viver um novo pastoreio. Não há nada e nem ninguém que me convença que minha orientação sexual limita de alguma forma a Ação do Espírito Santo na minha vida. Eu sou um Sacrário Vivo e Templo do Amor. Ser DCF é uma missão, vocação, acolher meus irmãos e irmãs, falar do Amor de Deus que não julga, falar da Igreja que acolhe, falar "você não está sozinho".

A VERDADEIRA EXPERIÊNCIA CRISTÃ NOS GRUPOS CATÓLICOS LGBTI+

JS, 26 ANOS
HOMEM CIS BISSEXUAL
CAMPINAS (SP)

Sou católico e LGBT, vivo com meu companheiro e vamos nos casar em breve. Sempre participamos ativamente da vida da Igreja e, como somos abertamente um casal homoafetivo, sofremos diariamente a homofobia, inclusive dentro das comunidades católicas. Em nenhum momento, contudo, desistimos de seguir a mensagem transformadora de Cristo, contribuindo dentro da nossa Igreja. Nós, católicos LGBTI+, estamos atuando nas pastorais, movimentos e nos altares por todo o Brasil.

Quando me assumi, fui convidado a deixar minhas funções de liderança a pedido de um padre, que, por sua vez, havia sofrido pressão da comunidade. Pessoas que me viram crescer e faziam parte da minha vida simplesmente optaram por me descartar porque eu estava namorando um homem. Extremamente abalado, procurei outros espaços católicos mais acolhedores, já que aquela comunidade arrancou de mim algo que sempre fez parte da minha vida. Graças

a Deus, sempre contei com apoio de meus pais, católicos, mas que souberam colocar a misericórdia e a alegria do Evangelho acima de qualquer coisa.

Hoje, com muito orgulho, faço parte da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT. Tenho sentido que esta organização permite que centenas de pessoas pelo país vivam uma profunda experiência cristã, baseada na igualdade, fraternidade, amor e comunhão, como viveram nossas irmãs e nossos irmãos das primeiras comunidades. É como membro atuante da Rede Nacional que me reafirmo como membro da Igreja Católica e como pessoa LGBT+, rompendo com qualquer visão que divida essas duas identidades.

Vivencio verdadeiramente o Evangelho nesses espaços seguros de fé formados por pessoas católicas LGBT+, com apoio de religiosos e religiosas sensatas que entendem que nossa orientação sexual



e identidade de gênero fazem parte da diversidade da vida humana – e, portanto, são obra de Deus, Pai e Mãe da Misericórdia e responsável pela criação de todas as pessoas.

Fico imaginando o impacto de narrativas preconceituosas naqueles locais onde ainda não existem pessoas esclarecidas, onde jovens vivem com medo de ser quem são por causa da homofobia que mata. Nem a sexualidade, nem a identidade de gênero, definem caráter. Somos atacados por toda parte na sociedade por assumirmos quem somos, e é muito triste saber que a Igreja, em alguns casos, contribui para nossa exclusão, contribui para ideologias que ligam nossa sexualidade à doença, ao pecado ou ao crime.

Mas seguimos e crescemos com o sopro do Espírito Santo. É crescente pelo Brasil o número de leigas e leigos, sacerdotas, religiosas e religiosos interessados e interessados em conhecer e colaborar com o movimento pastoral pela cidadania religiosa das pessoas católicas LGBTI+. Isso me faz acreditar que, dentro das minhas limitações humanas, alcancei a plenitude cristã ao lado das minhas irmãs e dos meus irmãos católicos LGBTI+.

UMA HISTÓRIA DE FÉ E AMOR

MC, 29 ANOS
MULHER CIS LÉSBICA
RECIFE (PE)

Quando eu soube que teria a oportunidade de escrever meu testemunho de vida, pensei: é a minha chance! Minha chance de mostrar um pouquinho da minha caminhada e de como é possível SIM viver a minha sexualidade unida à minha espiritualidade. Por isso eu queria começar por duas citações que para mim são muito importantes. A primeira é: “Pedi e recebereis. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, se abrirá” (Mt 7, 7-12).

É muito gratificante estar aqui escrevendo para você que me lê neste momento. Sempre fui uma mulher muito sonhadora, e sempre acreditei que a fé tem a capacidade de mover montanhas, como Jesus falava. Sempre acreditei que, quando tenho algo muito forte e verdadeiro dentro do meu coração – seja um pedido, um sonho, uma meta, um desejo – e o coloco nas mãos dAquele que me criou, dAquele que me amou antes mesmo de eu nascer... quando eu

coloco em Suas mãos, mesmo com medo, mesmo insegura, Deus acolherá, cuidará e, se aquilo que eu Lhe entreguei for bom para mim e para a minha vida, com certeza, não importa o tempo, acontecerá! E acontece mesmo, pois vem acontecendo comigo. Isso não quer dizer que, ao longo da minha vida, eu não tenha passado por provações, por dificuldades, por desafios. Passei e passo todos os dias. Isso nunca ficará alheio à minha vida, faz parte do processo de amadurecimento e da minha formação humana. Quando percebi que eu gostava de mulher, tive duas opções: ou eu fingia que isso não estava inerente à minha vida, ou assumia que a minha sexualidade era um pedaço de mim e que ela ia me acompanhar onde eu estivesse.

Decidi caminhar com ela. Decidi me arriscar, decidi me conhecer, decidi olhar para dentro e deixar que meu verdadeiro eu falasse. Quando uma coisa nova acontece conosco, precisamos ter paciência para

entendê-la. Nunca tive medo da minha orientação sexual, nunca achei que ela pudesse me diminuir como pessoa, que pudesse trazer sofrimento a mim mesma. Claro, em um primeiro momento, tive medo de contar à minha família porque não sabia como seria a reação deles, o que é totalmente compreensível; mas na minha relação comigo mesma, não. Passei por esse processo por estar em busca de mim mesma. Era necessário. Era preciso. Hoje, depois de 11 anos, me sinto bem com as escolhas que fiz. E tenham certeza de que só consegui porque Deus sempre foi meu maior aliado, meu maior amigo e meu maior refúgio, mesmo quando dEle me distanciei. É isso que quero deixar registrado aqui: essa capacidade que Ele tem de nos amar e nos receber de volta.

Sabe a história do filho pródigo? Aquele que pediu a sua parte da herança, a pegou e foi embora, deixando seu pai para trás? Eu já fui uma filha pródiga! Em um determinado momento da minha vida, pedi a minha parte da herança e saí, sem olhar para trás. Mas voltei. Sempre é tempo de voltar, porque Deus sempre nos espera. De braços abertos! E como é bom! Passei muitos anos sem ir à missa, sem me confessar, sem evangelizar, muitos! Houve um momento em que me senti vazia – mesmo tendo um bom trabalho, uma casa, amigos, mesmo vivendo minha sexualidade, mesmo tendo um bom relacionamento com a minha família. Mesmo com todas essas coisas, eu sentia

que faltava algo. Foi aí que voltei a rezar todas as noites, dizendo a Deus que sentia falta dEle, de estar com Ele, que sentia falta de ir à missa, frequentar as adorações ao Santíssimo – e, nisso, eu pedia veementemente que Ele me mostrasse o caminho para que eu pudesse voltar.

Foi nesse momento que minha vida cruzou com a da minha esposa. Ela foi meu canal de graça para voltar para casa. Ao mesmo tempo, fui um furacão que entrou na vida dela e despertou um amor avassalador. Digo avassalador porque fui a primeira mulher por quem ela se apaixonou. E, por sua vez, ela me fez ver que era o amor da minha vida. Nossa, forte!!! Mas é! Passamos por muitas coisas. Ela é muito, muito católica – e isso foi motivo de muito conflito, mas essa parte da história ela contará no testemunho que você vai ler a seguir.

Nosso relacionamento foi um grande desafio para mim. Abracei a necessidade que minha esposa tinha, na época, de acreditar que poderíamos vivenciar a nossa espiritualidade e o nosso romance juntos, sem precisarmos nos abster nem de um, nem do outro. Foi um longo processo. Muitas noites mal dormidas, muitas DRs, muito choro, mas também muita, muita, muita oração. Pegávamos esse medo (que vinha mais dela) de não estarmos indo no caminho certo e ofertávamos aos pés de Jesus na cruz. Pedíamos que Ele nos mostrasse como passar por tudo isso.

Então, saí procurando na Internet histórias de casais que também passaram por isso; pessoas que conseguiram se amar, sonhar e viver a sua espiritualidade, que conseguiram evangelizar, pregar, ser canal da Boa Nova. Foi aí que encontrei o site do Diversidade Católica. Lembro como se fosse hoje. Eu pensava: “Obrigada, Senhor. Preciso entrar em contato com essas pessoas, ouvir, conversar”. A minha fé nunca me deixou desistir de procurar. Encontrei pessoas maravilhosas nessa busca – do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Fortaleza e daqui mesmo do Recife – que tinham vivências parecidas com a minha. Conheci padres que foram sensacionais, acolhedores, amigos, bons ouvintes e pacientes. Assim, nós duas fomos dando passos, vendo que o caminho estreito era possível de se caminhar – bastava termos fé, paciência e persistência.

Amo minha esposa, desde o dia em que a conheci. Amo nossa história, e eu nunca poderia falar sobre mim nem sobre minha caminhada sem mencioná-la, porque ela é parte fundamental disso tudo. Foi através dela que eu pude me reencontrar com Deus e assumir com Ele novamente esse relacionamento entre Pai e filha. Lembram das citações que mencionei no começo? A segunda é: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo. 8, 32). Quando descobrimos a verdade, ela nos liberta. Quando descobri e senti verdadeiramente no meu coração que Deus me ama de uma maneira que eu jamais vou conseguir explicar,

pude viver bem melhor do que antes. Pois não importa a minha orientação sexual; Deus me olha além.

Com isso, senti a necessidade de trazer o Diversidade para o Recife. Não era apenas eu que precisava viver isso, outras pessoas também. Todos nós temos dons e missões, enquanto cristãos. Nosso dever é ser canal da Boa Nova para os outros. A partir disso, é o que venho tentando fazer, junto com a minha esposa. Essa é uma das nossas missões: nunca deixar de evangelizar.

Não deixe o medo ofuscar o brilho que há dentro de você! Viva, arrisque-se, acredite no amor, seja fiel à sua história e jamais deixe de acreditar que existe um Deus que está ao seu lado.
Um grande abraço fraterno!



MAIS LIVRE E FELIZ PORQUE SEI QUEM SOU

DB, 28 ANOS
MULHER CIS BISSEXUAL
RECIFE (PE)

Nunca achei que seria possível unir religião e minha orientação sexual. Na verdade, lutei muito, porque achava que não seria feliz e precisaria anular o sentimento que começou a surgir em mim por outra mulher em meados de 2014, quando eu era vocacionada numa comunidade da Igreja Católica por cerca de 4 anos.

Tudo começou numa forte e linda amizade com a pessoa que hoje é minha esposa (e que contou a história dela no testemunho anterior). A gente se aproximou na faculdade. Partilhávamos tudo, e cada dia mais tínhamos admiração e carinho mútuo. Apesar de sermos muito amigas, sempre senti algo diferente, um palpitar no coração, uma saudade e vontade de ver e se comunicar e até ciúmes, mas guardava para mim. Até dizia: “você está proibida de se apaixonar por mim!” Tudo medo inconsciente de que eu me apaixonasse por ela. E não teve jeito: foi o que aconteceu.

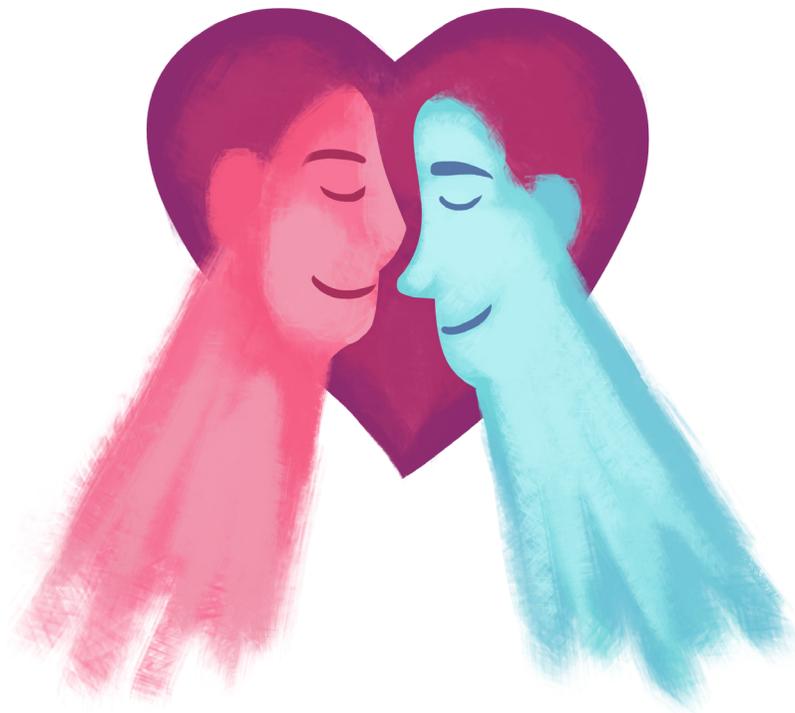
Era algo muito desafiador para mim – como um outro mundo diante da minha realidade de vocacionada a missionária numa comunidade da Renovação Carismática. Por isso, quando percebi o que sentia, fiz de tudo para me afastar dela. Ao partilhar inicialmente com a comunidade em que servia, não recebi nenhum acolhimento nem ajuda; ao contrário, tive meu caminho vocacional encerrado. Nesse momento, meu chão caiu. Me senti como que abandonada...

Desde então, não conseguia falar sobre o assunto com mais ninguém, chorava bastante e não tinha coragem de assumir tudo o que estava dentro de mim. Questionei várias vezes a Deus: por que me permitiu sentir e viver esse sentimento por uma mulher? Como poderia encontrar nela as qualidades que buscava num parceiro havia anos? Como poderia sentir algo tão forte e que me impedia de me afastar?

Eu relutei... escutei muitas opiniões contrárias e ficava

sempre no dilema entre o que eu sentia e o que acreditava ser melhor, ou que os outros diziam ser melhor para mim. A verdade é que depois de um tempo você descobre que só quando você se aceita como é de verdade é que os outros vão te respeitar e aceitar também, porque te perceberão como a mesma pessoa; afinal, sexualidade é só uma parte de nós, e quem nos ama permanecerá conosco.

Pois é... mas não foi simples assim. Até chegar aí eu lutei muito, tentei fugir, ignorar a própria pessoa por meses, mas não teve jeito. Resolvemos juntas lutar por nosso amor – mas sem deixar meu lado espiritual e



religioso (que sempre foram muito importantes para mim). Então, procuramos padres que nos atenderam e acompanharam neste processo de discernimento; busquei o bispo da diocese; e até enviamos uma carta ao Papa – e obtivemos resposta que muito nos consolou e fortaleceu nossa confiança no Amor Misericordioso do Pai, que nos ama e aceita como somos.

Apesar de tudo isso, de tempos em tempos eu tinha uma nova crise e conflito: eu deveria mesmo viver, ou lutar contra tudo isso? Até que a terapia, o autoconhecimento, a busca de discernimento me ajudaram nesse processo. Hoje, posso dizer que sou bem mais livre e feliz, porque sei quem sou, aonde posso chegar e que nada me impede de ser e viver a minha espiritualidade.

Hoje eu sirvo e canto em duas paróquias da Igreja Católica. Os párocos sabem e acolhem... e, ao contrário do que imaginei, poucos se afastaram de mim. Descobri que, apesar de não poder mais estar em algumas comunidades, posso servir de várias formas e alcançar públicos que jamais alcançaria, levando o amor e a minha fé em Jesus Cristo e Nossa Senhora. Descobri que a intimidade com Deus é algo muito particular e depende de cada um de nós cultivar a cada dia e buscá-lo, pois Ele sempre está de braços abertos nos esperando, nos ouvindo, nos amando.

ASSIM COMO DEUS, O PAPA ME ACOLHE DO JEITO QUE EU SOU

SA, 41 ANOS
HOMEM CIS GAY
RIO DE JANEIRO (RJ)

Atuante na Igreja Católica, sempre me sentia incomodado com o discurso do pároco sobre a questão da homossexualidade. Durante meses, o assunto da homilia sempre era esse! No dia da Festa da Misericórdia, estava no presbitério, servindo como leitor na missa das 15h. Foi quando, na homilia, o padre, voltando mais uma vez ao tema, disse: “pai, mãe, se vocês tiverem um filho homossexual, se for para viver a radicalidade do Evangelho, ponham-no para fora de casa!”.

Durante alguns segundos, titubeei entre sair da igreja, deixando minha veste litúrgica no banco, e ficar quieto, pela minha mãe – pois não sei qual seria a reação da comunidade com ela. Acabei me decidindo pela segunda opção. Assim, permaneci ali, perplexo com o que escutava no dia da MISERICÓRDIA. Fui para casa e pensei muito na minha história de vida. Afinal, me descobri gay dentro do que a Igreja chama de Nova Fundações. Ao mesmo tempo, não parava de

pensar também no que o padre tinha dito naquela homilia.

Então, resolvi escrever para o Santo Padre. Sim: escrevi para o Papa, contando toda a minha trajetória. Disse o quanto eu amava a Igreja. E relatei minha perplexidade ao ouvir um sacerdote mandar que o filho fosse posto para fora da casa do Pai. Meses depois, recebi uma carta de Roma, do Santo Padre, dizendo que reza pelas minhas intenções e pedindo que eu jamais abandone Jesus Misericordioso e a vida de oração! Foi um bálsamo, essa resposta. O Chefe da Igreja, assim como Jesus, me aceita e me chama para estar a serviço, do jeito que Deus me criou!

Entendi também que sacerdotes passam. Afinal, são missionários. Mas nós, paroquianos, permanecemos! Graças a Deus, nossa Igreja tem uma Mãe que acolhe e dá carinho e colo. Para uma mãe, filhos são e serão sempre filhos!

MULHER TRANS CATÓLICA TAMBÉM TEM FÉ

CJ, 35 ANOS
MULHER TRANS (ORIENTAÇÃO SEXUAL NÃO
INFORMADA)
SUMARÉ (SP)

Fui criada pela minha avó desde recém-nascida. Muito religiosa, ela me levava à missa toda semana. Aos 7 anos fui coroinha, responsável por ajudar nas missas e pregações das celebrações.

Fiz catequese e primeira Eucaristia algum tempo depois, na adolescência... Quando percebi minha identidade de gênero e descobri minha necessidade de me descobrir como mulher, rezei muito a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, para que eu tomasse o caminho correto e verdadeiro.

Me afastei da comunidade e voltei depois de alguns anos, ao conhecer meu pároco. Ele veio fazer uma visita para minha avó, que se encontrava acamada. Naquele momento, senti uma presença muito grande do Espírito Santo. Eu já era uma mulher trans. Mesmo estando tímida e com vergonha, o padre me abraçou e me convidou para ir à missa... E aqui estou até hoje, com muito amor e carinho.

Hoje, sou coordenadora do grupo de vivência do meu bairro. Faço e participo de todas as atividades da comunidade e sou bem ativa nas funções católicas da Igreja que tanto amo. Me crismei depois de adulta, e me sinto muito satisfeita com minha pequena participação na Igreja Católica Apostólica Romana.

Desde já, agradeço a todos da minha comunidade.

A BOA FILHA À CASA TORNA

1E, 32 ANOS
MULHER CIS PANSEXUAL
BELO HORIZONTE (MG)

Sempre fui muito atuante dentro da Igreja Católica. Particpei durante toda a infância e pré-adolescência da Coroação de Nossa Senhora, fiz 7 anos de Catequese, fiz parte do Encontro de Adolescentes com Cristo (EAC) por dois anos, tocava nas missas... Aos 18 anos me descobri bissexual e comecei a namorar meninas. Nessa época, quando assistia a uma Missa de domingo, o Padre celebrante disse durante a homilia: "a Igreja de Deus não é para esse tipo de gente", se referindo às pessoas LGBT. A partir desse dia me senti expulsa daquela instituição extremamente importante e próxima de mim. Foram anos mantendo a minha fé, mas evitando ao máximo comparecer em missas, pois sentia que não era bem-vinda naquela celebração.

Muitos anos se passaram até que fui convidada para participar da constituição de uma Pastoral da Diversidade Sexual em minha cidade. Em um primeiro momento, não acreditei que fosse dar

certo. Achei mesmo que o que queriam era me convencer de que ser quem eu era seria pecado. Me surpreendi ao chegar lá e ser bem acolhida. Me senti novamente parte integrante da Igreja. Voltei a tocar nas missas, participar de reuniões e encontros com a comunidade, ajudar a organizar uma missa de domingo por mês, junto aos membros da então Pastoral, com todo amor, carinho e respeito que sempre senti em relação à minha fé católica. Estávamos presentes, eu e minha família – minha esposa e nossa filha. Estávamos presentes como pessoas LGBT, e a presença do Cristo voltava a ser muito viva em mim.

Pelo mesmo motivo que, 10 anos antes, eu tinha sido "expulsa" da Igreja, nossa Pastoral deixou de ser assim nomeada. Mas a semente já havia germinado. Hoje, nosso grupo é formado por leigas e leigos que acreditam que a Igreja é para todes. Que não é nossa orientação sexual ou identidade

de gênero que irá limitar nossa fé, nossa religiosidade. Nós somos povo de Deus, suas filhas e filhos extremamente amados. Nós somos Igreja, e a Igreja é onde nos reunimos no amor em Cristo.



EU E DEUS, DE MÃOS DADAS, ENCONTRAMOS A MINHA SEXUALIDADE

D, 25 ANOS
MULHER CIS BISSEXUAL
RIO DE JANEIRO (RJ)

Ouso dizer que minha história de intimidade com Jesus começou junto com as minhas primeiras descobertas sobre a minha sexualidade. Estive na Igreja desde criança. Cursei a catequese, fiz a Primeira Comunhão e logo me tornei coroinha. Aos 14 anos, eu me apaixonei pela mulher que, até hoje, tem meu coração. Nesse mesmo contexto, iniciei o curso de Crisma e verdadeiramente conheci Jesus Cristo.

Eu ainda trazia comigo uma inocência, mas já entendia que, na nossa sociedade, um relacionamento LGBTI não eram bem visto e aceito aos olhos das pessoas. Eu estava totalmente entregue, vivendo intensamente aquela história de amor e reciprocidade quando minha madrinha de Crisma, até então minha amiga mais próxima e companheira de caminhada cristã, me disse: "Você é católica! A Igreja não aceita esse relacionamento e acho que você vai ter alguns problemas... mas eu estou aqui com você". Então, parei de comungar.

Dizem que, quando nos apaixonamos, é perceptível para todas as pessoas. Comigo não foi diferente. Minha mãe, uma mulher sábia e observadora, guerreira e independente, com seu instinto de protetora logo percebeu que algo diferente estava acontecendo comigo. No dia do seu aniversário, eu lhe escrevi uma carta – na qual, além de todas as felicitações, contei que estava apaixonada por uma menina.

Minha mãe, ao longo da vida, construiu um lar buscando atender aos requisitos da família tradicional brasileira em todos os seus aspectos. Por consequência, teve muita dificuldade para lidar com a situação que eu lhe havia apresentado. Desde criança, ela foi ensinada a se importar com o que os outros falam e enxergam de você. Ficou apavorada, sem chão, e me instruiu a me afastar daquele amor. Me via como uma menina sem capacidade de discernir o que queria e sentia e que, fatalmente, eu tinha sido seduzida por uma menina aproveitadora e mal intencionada.

Minha mãe começou sua caminhada com Deus na comunidade católica quando decidiu entrar no curso de Crisma de adultos e concluir o sacramento junto comigo. Não demorou muito, se tornou coordenadora do grupo de coroinhas meninas da paróquia. Me direcionou a conversar com meu pároco, que não me recriminou, mas também não legitimou minha sexualidade, e me encaminhou a trabalhar meu autoconhecimento com uma psicóloga.

Naquele momento, eu queria estar na Igreja e queria estar ao lado daquela que eu amava. Estava em uma confusão completa sobre o que eu estava pensando, sentindo e fazendo até ali. Foi quando, em um momento de adoração na preparação para a Crisma, eu me encontrei de forma sublime, inteira e perfeita com Jesus Eucarístico. Meu pensamento diante daquele olhar de Jesus foi “amá-lo antes de todas as coisas”. No entanto, não terminei com ela. Não fazia sentido tentar eliminar um sentimento tão leve, puro e inofensivo. Aprendi a mentir, a me esconder e limitar todos os meus passos pelas ruas para conseguir estar com ela por algumas horas. Eu partilhava com ela sobre as coisas que passei a viver, ouvir e fazer com Deus.

A partir de então, cada domingo sem a Comunhão era uma facada em meu peito. Minha única opção, naquele momento, foi entregar meu sofrimento a Jesus. Eu servia no altar, ajudava a levar a Eucaristia

às pessoas, me mantinha tão perto dEle – e tão longe da Eucaristia. Eu me punia impedindo, através das regras institucionais, meu encontro com o sagrado Corpo de Cristo.

Terminei o namoro com ela, entendendo que não estava pronta para enfrentar aquele turbilhão de coisas que, no ápice dos meus 15 anos, caíram no meu colo. Achava que tinha de tomar uma decisão: o sacramento da confirmação ou um amor adolescente. Naquelas circunstâncias, me crismei, optei por Jesus. Voltei a comungar e me entreguei completamente à vida de serva, abrindo mão de mim, das minhas vontades, dos meus desejos e necessidades. Tão intensamente me apaixonei por aquela mulher, mais intensamente me apaixonei por Jesus. Prometi – talvez a Ele, mas hoje entendo que a mim mesma – esquecer aquele sentimento e buscar a heteronormatividade.

Os anos passaram, beijei alguns meninos. Completei 18 anos, conheci um pouco mais do mundo e fui me deparando com algumas características minhas que, espontaneamente, passaram a se concretizar na minha personalidade. Um dia esbarrei com ela nos arcos da Lapa e não fui capaz de lidar com tudo que senti naquele momento... novamente me afastei. Beijei muitos meninos. Busquei de inúmeras formas e em inúmeras experiências esconder de mim mesma que nada tinha mudado em relação à minha sexualidade, nem em relação ao que sentia por aquela mulher.

Em dado momento, comecei um relacionamento com um homem – cis, hétero, cristão protestante e completamente normativo. Vivi as mazelas de um relacionamento machista e abusivo, tentando me encontrar na ideia da heteronormatividade e da família tradicional brasileira. Caí em um processo de completa anulação individual. Não saía mais com minhas amigas, deixei de ir a lugares e de usar roupas de que gostava, deixei de brindar com os meus por incomodá-lo com tais atitudes e com meu gosto por cerveja. Vivi durante um ano e meio uma vida completamente vazia de mim mesma e da minha identidade. Quase em um processo depressivo, já novamente sem comungar, terminei meu namoro quando percebi que não conseguia servir e amar a Deus naquele relacionamento totalmente aprovado pela Igreja.

O primeiro mandamento de Deus nos ordena “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Pois bem: eu não amava, sobre todas as coisas, a Deus. Eu não amava ao próximo e, mais que tudo, não amava a mim mesma.

Foram tempos sombrios na minha vida. Eram muitos desafios, iniciando a vida adulta. Havia decisões a serem tomadas, escolhas a serem feitas e muitas coisas a aprender. Contudo, segui servindo no altar, buscando a Deus; no entanto, não comungava e me sentia indigna de viver tamanha comunhão.

Entrei na faculdade de Produção Cultural. Um novo mundo, novas experiências e conhecimentos acerca de tudo que a nossa cultura tem a oferecer, individual e coletivamente. Entendi sobre identidades e lutas de classes. Entendi as desigualdades sociais e as militâncias. Aprendi a enfrentar a realidade, conheci muitas pessoas, descobri muito de mim. E descobri que ainda amava aquela menina que conheci aos 14 anos de idade. E que os meus desejos eram reais, tão reais quanto a minha vida com Deus. Nos reencontramos e começamos um relacionamento de muitas dificuldades, mas também de muitas conquistas. Minha mãe, nesse momento, entendeu que teria que lidar com a minha sexualidade.

Segui buscando entender o meu caminho e meu motivo de viver aquelas duas identidades que pareciam se contradizer. Mas eu tinha decidido enfrentar o paradoxo. Decidi escrever um trabalho de conclusão de curso no qual falo sobre como o corpo LGBTI existe na Igreja Católica e como a cultura da Igreja, por anos, construiu uma opressão e ocultação da diversidade na sociedade. O objetivo é encontrar formas de resistência e conciliação das identidades.

Foi nesse momento, início de 2018, que encontrei o Diversidade Católica! Esse encontro foi a certeza de que foi Jesus quem me trouxe até aqui. A conexão com o grupo me ajudou a entender que nunca estive sozinha nessa empreitada, e que também somos o

povo de Deus. Não só pude estudar e coletar dados para a minha pesquisa, como pude aprender a dar valor à mulher que sou, em todos os caminhos de ser. Hoje, com 25 anos, mulher cis, bissexual e católica, estou concluindo meu TCC com a certeza que ainda há muita homofobia para combater e muito espaço a conquistar na nossa sociedade e na comunidade católica. Há muita luta, e hoje sei que eu quero ser parte dela.

E, por fim, quero compartilhar que, na quinta-feira Santa da Páscoa de 2020, esse ano tão conturbado e incerto, em meio à quarentena, finalizei minha trajetória como coroinha com a oportunidade de servir na Missa do Lava-pés – quando revivemos o dia em que Jesus transforma o pão e o vinho em seu corpo e seu sangue e os distribui aos seus – e, após mais de 5 anos me abstendo, me confessei e me encontrei de novo plenamente com Jesus na Comunhão.



RUMO À AUTOACEITAÇÃO

CJSN, 40 ANOS
HOMEM CIS GAY
TERESINA (PI)

Aos 13 anos de idade, tive uma profunda experiência com Deus em um encontro de final de semana animado pela Renovação Carismática Católica. A partir de então, comecei a participar ativamente desse movimento. Com o passar do tempo, fui também me tornando coroinha, do Apostolado da Oração, do Encontro de Jovens com Cristo... Ao mesmo tempo fui sendo vocacionado dos franciscanos capuchinhos, carmelitas, beneditinos, Comunidade Shalom, Toca de Assis...

Aos 19 anos, ingressei como postulante dos Monges Beneditinos em Salvador (BA), mas durou apenas 6 meses. Aos 23 anos, ingressei no Postulantado dos Carmelitas Descalços em Minas Gerais e, enfim, fiz os votos religiosos aos 25 anos. Com 26 anos, decidi voltar para casa. Aos 28 anos, ingressei no Aspirantado dos Carmelitas Mensageiros do Espírito Santo em São Paulo, mas a experiência só durou 3 meses. Sempre que retornava para casa, continuava participando

ativamente dos movimentos da Igreja (RCC, Shalom). Durante esses anos todos de católico praticante, sempre ouvia comentários de grande rigidez contra a vivência homossexual. Desde criança percebia minha atração homoafetiva, mas, diante desse discurso homofóbico severo dos movimentos da Igreja, reprimi fortemente minha homossexualidade, lutando com todas as minhas forças contra ela.

Aos 32 anos, começou dentro de mim um profundo questionamento: será que realmente ofende o Coração de Deus o amor entre dois homens? Que maldade existe nisso, se eu não pedi pra ser assim? Então fui estudando sobre isso, rezando, conversando, sofrendo... e assim fui me permitindo aos poucos ser finalmente quem eu era. Ao mesmo tempo continuava participando dos movimentos da Igreja, mas sem revelar meus dilemas, pois sabia que eu não seria compreendido, exceto alguns padres que muito me ajudaram nesse processo.

Em torno dos 34 anos, através de um amigo, soube da existência do grupo Diversidade Cristã de Brasília e passei a viajar de Teresina para Brasília só pra participar das reuniões e retiros do grupo. Foi um tempo delicioso de descobertas e autoaceitação, onde pude constatar que era possível SIM ser católico e gay, sendo quem eu sou, amado da minha forma, e servindo ao meu Senhor dentro de Sua Santa Igreja. Por que dividir quem eu sou? Por que não integrar as minhas duas realidades mais profundas: católico e gay? Sempre que as crises existenciais, culpas e autocondenação voltavam a me abalar, me lembrava do Diversidade Cristã de Brasília... e retornava a minha paz.

Então surgiu em mim o desejo de fundar um Diversidade em minha cidade, já pensou que benção?

Ter um grupo desses em Teresina para ajudar tantos filhos de Deus que partilham da minha mesma dor e angústia, como seria maravilhoso! Falei com alguns padres sobre o grupo, pedindo seu apoio, até que um padre redentorista aceitou a proposta e o desafio de nos acompanhar e nos apoiar. Finalmente, aos 36 anos, no dia 26 de setembro de 2016, iniciamos a primeira reunião do Diversidade Cristã de Teresina com apenas 4 pessoas: eu, o padre, uma psicóloga voluntária e um participante. Começou na cidade um alvoroço de críticas e rejeição por parte de cristãos apegados à lei contra essa nova forma de acolher o diferente, de amar o excluído, de integrar o que tem sido quebrado há séculos dentro dos filhos LGBTI+ da Igreja. Seguimos felizes e livres, pois TODOS são chamados à Mesa do Reino de Deus.

A LUZ NO FIM DO ARCO-ÍRIS

SO, 53 ANOS
MULHER CIS BISSEXUAL
VOLTA REDONDA (RJ)

Tenho 53 anos, sou de Volta Redonda, interior do Estado do Rio de Janeiro, bissexual assumida desde 2011 (aos 44 anos de idade), mãe de dois meninos lindos (24 e 18 anos). Casei-me com 21 anos de idade com o pai dos meus filhos e fiquei 23 anos casada. Sempre fui atuante na Igreja, participando de várias pastorais (juventude, catequese, matrimônio, crisma, ECC, EVC, RICA etc).

Após o divórcio e assumindo uma relação homoafetiva, me vi separada do que de mais sagrado há, a Eucaristia. Vinda de uma família tradicional mineira católica, vi meus adjetivos serem todos desconsiderados a ponto de ser rejeitada por minha família biológica. Era muita dor para suportar, chorava muito (sou de Peixes :D), mas, apesar disto, não perdi a Fé nem deixei de frequentar as celebrações dominicais. Porém, me afastei do serviço pastoral. Em 2012, conheci um padre, com sorriso nos olhos, na celebração do casamento de dois amigos queridos,

que me convenceu do Amor Incondicional de Deus por mim e me convidou a participar do Diversidade Católica. Foi como se a luz do fim do túnel voltasse a brilhar. Fui acolhida como parte e esta é minha família desde então! Pude voltar a comungar, pois aprendi que “a Eucaristia não é prêmio para os perfeitos” [Evangelii Gaudium, 47]. Aprendo muito e nos fortalecemos juntos com nossa troca de experiências (ninguém larga a mão do outro). Consegui resgatar na minha cidade a tradição da reza do terço nas casas, levando a(FÉ)to a quem precisa, enfatizando que não é a orientação sexual que define o tamanho do Amor e da Fé. “A melhor oração é AMAR”, com atitudes, respeitando as diferenças, eliminando preconceitos e discriminações e lutando pela justiça.

Cada um de nós é especial e único, por isso as ações e reações são diferentes, mas o nosso Deus nos ensina que não podemos deixar de amar uns aos outros, como Ele nos ama, incondicionalmente!

TEM SIDO ASSIM...

RA, 65 ANOS
HOMEM CIS GAY
RIO DE JANEIRO (RJ)

Lembro-me bem dos passeios de carro, com meus pais, pela orla do Rio. Penso que, a partir dos 10 anos, passei a perceber que não olhava as mulheres de biquíni, mas para os homens de sunga.

Toda a minha formação ocorreu num colégio religioso somente para meninos. Minha experiência religiosa, em todo este período, foi muito forte e determinante na minha vida. Nosso principal orientador era um religioso sério, firme e carismático. O afeto entre os colegas era natural e foram formados laços de amizade fundamentais para meu crescimento. Esse conjunto foi importante para me ajudar a viver a vida com alegria, mas serviu, também, como cortina de fumaça para aceitar minha sexualidade. Pouco a pouco, fui assumindo uma postura assexuada. Não havia procura de prazer nem com mulheres ou homens fisicamente, nem sequer pela masturbação. Vivía com minhas amigas e temia qualquer outro tipo de relacionamento afetivo. Minha religiosidade

estava presente no grupo e no meu silêncio. Meus pais cuidavam de mim generosamente, e não abordavam qualquer questão relacionada à minha sexualidade.

Casei virgem, de mulher e homem, aos 24 anos. Admirava minha esposa. Ficamos casados quase sete anos e tivemos um filho. Durante este tempo sentia que faltava alguma coisa. A minha homossexualidade me inquietava, e parti para o tira-teima. Tinha 26 anos quando fiz acontecer a primeira experiência com outro homem. Passei a viver uma vida dupla e tensa. Acreditava que, dando vazão àquele desejo, tudo passaria e poderia me dedicar à minha família novamente. Essa situação estressante levou-nos à separação e depois ao divórcio. Vim a contar à minha ex-esposa sobre minha homossexualidade, já pacificada dentro de mim, e sobre toda nossa vida de casal com conflitos, alguns anos depois. Ela não desconfiava do que passáramos juntos. Ao completar quinze anos, tive uma conversa com meu filho sobre

minha condição e comecei a me mostrar melhor. Ele já não era criança, e iniciou um longo processo de aceitação. Lutei muito por meu filho desde quando pequeno; sou um pai presente e fiel.

Mas voltando à separação. E agora? Estava livre e apavorado. Não reconhecia a possibilidade de um relacionamento afetivo com outro homem. Continuei a ter namoradas e transando, também, com outros caras. Essa dualidade foi regredindo e minha homossexualidade se afirmando. Até que passei a conviver com amigos gays. “Encontrei a minha praia!” Era possível ser plenamente homem e ser homossexual!

Fui seguindo meu caminho. Passei a ter parceiros fixos e aos 36 anos tive meu primeiro namorado. Meus afetos foram dando curso à vida, até os tempos hoje. Mas sempre dei importância, fundamental, à amizade. Consegui construir um laço paterno sólido com meu filho, que frequenta minha casa com sua namorada. Ambos têm conhecimento dos meus relacionamentos. Foi um trilhar de muita construção de ambos.

Minha visão da Igreja sempre foi a da Santa Madre Igreja – severa, cheia de regras e pecados, falível e humana; mas, antes de tudo, Mãe que acolhe e perdoa. Deus via o meu combate. Eu não constrangia minha homossexualidade perante a Igreja, mas

me chocavam a falta de informação nas homilias e, principalmente, a falta de vivência de mundo de alguns padres e leigos. O Evangelho, geralmente, era interpretado de forma fundamentalista, sem caridade e sem Jesus. Mas eu sempre procurei me aproximar de paróquias e movimentos mais inclusivos.

Nessa trajetória, Deus estava presente. Volta e meia me apartava da agitação para me recolher à reflexão e ao silêncio.

Comecei a participar do grupo Diversidade Católica em 2008, através de uma amiga. E nunca mais saí. Em nossas reuniões mensais, retiros e eventos, eu me alimento e alimento aos demais com nossas trocas de experiência, reflexões e celebrações. Nesse acompanhamento de longa duração, encontrei muitos amigos de caminhada. Fomos desbravando caminhos de inclusão LGBT na Igreja e no Mundo. Participei da fundação e lançamento da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT. Hoje somos muitos, através de diversos grupos localizados no país.

Acredito que a Igreja somos nós – pessoas que creem. Eu sou filho do Pai e isto se sobrepõe ao preconceito. A instituição Igreja é lenta, conservadora e reformista ao mesmo tempo – é humana. Quero ficar junto desta minha família e ser aceito do jeito que me descobri: homossexual.

RENOVAÇÃO DA MINHA FÉ

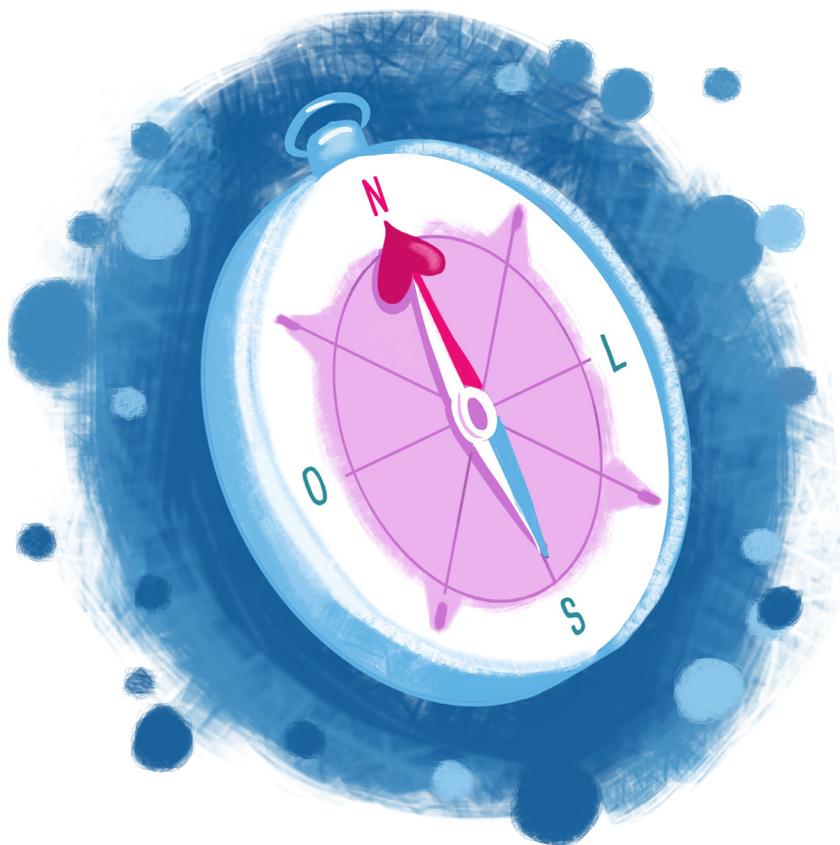
BS, 24 ANOS
PESSOA NÃO-BINÁRIA LÉSBICA
NOVA IGUAÇU (RJ)

Por onde começar? Nasci em uma família católica. Dizem que entrei na catequese com 3 anos de idade: eu ficava lá, na salinha, pintando os desenhos. Estudei numa escola católica por todo o meu ensino fundamental. Acho que esses aspectos, juntos, contribuíram para que eu nunca parasse para pensar que eu era uma mulher lésbica – até porque sempre aprendi o que era certo e errado e sobre a família tradicional brasileira. Então imagina uma menina que não falava, só ouvia, que não tinha uma opinião porque nunca soube como pensar e desenvolver sua opinião sobre si mesma que de fato combinasse com que ela sentia... Essa era eu. Um poço de complexos.

Quando saí do armário, me afastei da Igreja. Não achava certo fingir ser algo que não sou e desrespeitar todos os ensinamentos que aprendi minha vida toda. Isso me fez mal, me fez sentir incompleta, não achava que Deus seria tão cruel a ponto de pensar que eu não era digna de estar na casa dEle por eu ser LGBT,

mas era isso que eu pensava de mim... nessa época também conheci vários LGBTs e pessoas membros da Igreja que pensavam o mesmo que eu.

Hoje, faço parte de um grupo de acompanhamento pastoral de LGBTs na Igreja. Tomar conhecimento da existência desse movimento teve um impacto tão grande que fui com toda minha fúria, achando que haviam criado um grupo para “converter” pessoas LGBTs em heterossexuais. Minha fúria se tornou admiração e amor quando conheci esse grupo que acolhe tanto as pessoas LGBT quanto seus familiares, e lhes ensina que Deus nos ama como somos e que a Igreja é a nossa casa também, e não devemos ter vergonha nem medo de frequentá-la. O grupo ajudou a reavivar minha fé e a me entender. Através dele ganhei forças para fazer parte da comunidade, e também descobri que não estou só. Ganhei uma família – que, mesmo com a distância e vidas paralelas, sei que estamos juntas sempre e seguindo



com o mesmo propósito: espalhar os ensinamentos de amor e igualdade que a Palavra prega. Sem preconceito, sem discriminação.

Para uma pessoa que foi perseguida e discriminada em sua própria comunidade, mesmo fazendo parte dela desde os 3 anos de idade; que foi negligenciada até mesmo pelo pároco, que fechou os olhos para as acusações e preconceitos contra mim que estavam acontecendo diante dos seus olhos... achar meu grupo, assim como o Diversidade Católica e a Rede Nacional, foi uma salvação.

SOB A CRUZ E A ESPADA

AA, 57 ANOS
HOMEM CIS GAY
RIO DE JANEIRO (RJ)

Emoldurado na parede da sala, o texto do meu tio padre exaltava o poder protetor do Exército e da Igreja Católica. O quadro mudou-se com a família nas suas duas dezenas de endereços. Além do padre, meu avô paterno tinha duas irmãs freiras. Sob o peso opressor dos dois signos, que as escolas e a vizinhança que frequentei só reforçavam, não houve nenhum espaço para admitir meu desejo até o final dos anos 1970.

Na adolescência, explodiam questionamentos e angústias. Já tinha estudado no Colégio Militar e conseguido passar no Concurso de Admissão ao Colégio Naval, de Angra dos Reis (RJ), que frequentei apenas por um semestre. Logo que deixei a Marinha, encontrei em Brasília um grupo de jovens dissidentes de seus grupos originais da Igreja, e fui resgatado de uma solidão que acreditava eterna. Até então, acreditava que a adolescência era o pior tempo da vida e tudo o que queria era crescer e deixar esse tempo para trás. Com eles passei a gostar de ser

jovem, de estar no aqui e agora, de ser eu mesmo – ainda que soubesse bem pouco sobre mim mesmo até então.

Passado apenas um semestre, mais uma mudança: meu pai, militar, transferiu-se com a família para o Rio, onde passei a frequentar a Igreja da Ressurreição. Fui chamado para ser catequista, e durante quatro anos preparei crianças para a Primeira Comunhão. Ao mesmo tempo, dava palestras nos encontros de jovens e de casais, fiz cursos de liderança e assumi uma coordenação na Pastoral da Juventude, na Arquidiocese. Minha espiritualidade continuava alegre e celebrando a vida, mas o fantasma da minha religiosidade infantil voltou a assombrar-me com maior frequência. Tentava abafar os clamores sexuais da explosão hormonal, que eram cada vez mais fortes, com orações, confissões e leituras do Evangelho. Minha vocação gay era cada vez mais difícil de ser ignorada. Por outro lado, os clamores

sociais e políticos daqueles últimos anos de chumbo também eram cada vez fortes, e tampouco pude ignorá-los. Trabalhei na fundação de um partido e militei no movimento estudantil da Faculdade de Medicina, onde estudava, e nos primeiros passos do que viria a ser a militância LGBTQ+. Acabei abraçando um novo estilo de vida, que me parecia a única forma de viver minha identidade homoerótica: deixei a Igreja, a Medicina, o Partido e a casa de meus pais.

Uma sede atávica demandava emoções que procurei aplacar – sem consciência – com álcool, drogas e sexo desenfreado. Aos trancos, alternando sucesso e quedas brutais, consegui manter-me numa profissão e num casamento durante todo o percurso. Não reconhecia contornos que me dessem alguma forma ou contenção, mas minha essência estava ali: era – e sou – bom e mau, luz e sombra, feio e bonito. Em dezembro de 1996, uma dor sacudiu-me e me levou a Brasília, onde minha irmã e sobrinhos viviam a trágica perda do meu cunhado. A partir do encontro com

amigos daquele grupo, que havia deixado 18 anos atrás, começava um caminho de volta para Casa. Precisava escapar da dor e do sofrimento em que vivia mergulhado. Logo já podia até ouvir a música da festa na casa do Pai. Encontrei a saída para minha adição e precisei viver uma experiência de morte e ressurreição.

Alguns anos depois, atendi ao convite de visitar um grupo de gays católicos em formação, movido por curiosidade, já que estava afastado da Igreja. De cara, fui arrebatado pela Eucaristia naquele ambiente que remetia aos primeiros cristãos, reunidos nas catacumbas. O novo desafio passou a ser conciliar identidades consideradas antagônicas. Perde a Igreja abrindo mão da rica contribuição de tantas filhas e filhos e perdem aqueles que são forçados a deixar a espiritualidade de sua tradição. Desde aquele início, porém, conquistamos mais do que ousávamos sonhar, embora ainda haja tantas pontes e estradas a construir.

EU POSSO SERVIR A CRISTO SENDO QUEM SOU

JL, 17 ANOS
HOMEM CIS GAY
OLINDA (PE)

Desde criança fui muito católico. Morava em Bom Jardim, interior de Pernambuco, e vivia na igreja. Meu sonho era ser padre. Quando vim morar em Recife, comecei a sentir atração por homens. Mas, como eu era da Renovação Carismática Católica, pensava que era tentação do demônio. Comecei a fazer acompanhamentos vocacionais em muitos institutos, e sempre falava dessa minha dúvida ao animador vocacional. Era difícil porque ou eles davam em cima de mim, ou eram contra e diziam que era coisa do demônio, que eu não deveria ser gay, porque estava sendo tentado. Muitas vezes chorei escondido e até pedi a minha morte a Deus, porque tinha na cabeça que ser gay era coisa do inimigo.

Certo dia, conheci uma fraternidade de franciscanos pobres, em um bairro próximo ao meu. Comecei a frequentar a casa dos irmãos quase todos os finais de semana. Conversei com eles e falei sobre a minha dúvida: “não sei se vou ser padre ou ser gay”. Eles me

acolheram e pediram para rezar. Rezei muito diante do sacrário naquela casa de irmãos franciscanos, e tive a resposta de Jesus em meu coração: “para eu servir Jesus, não preciso me forçar a deixar de ser uma coisa que eu sou, que eu nasci sendo, e ninguém vai mudar. Porque Jesus sempre acolheu a todos e amou a todos, e transformou os dez mandamentos em um: ‘amem uns aos outros como a si mesmos’. Jesus me ama e me quer do jeito que eu sou”.

Então, resolvi me assumir e viver na Igreja normalmente, como sempre vivi. Tinha medo da perseguição na Igreja e na sociedade. Um dia, pensei: “seria tão bom se houvesse um grupo que acolhesse a comunidade LGBT na Igreja Católica”. Conversei sobre isso com um desses irmãos, e ele me contou que existia, sim, um trabalho pastoral de acolhida de LGBT na Igreja Católica. Foi assim que cheguei ao Diversidade Cristã de Recife. Agora, tenho mais orgulho de mim, e me assumi para todos.

SOBRE SER MAMI (MÃES DE AMOR INCONDICIONAL)

SK, 51 ANOS
MULHER CIS HÉTERO
CURITIBA (PR)

MAMI – Mães de Amor Incondicional é um grupo de mães e pais de pessoas LGBTI+ que atua dando testemunho e fazendo acolhimento de famílias LGBTI. Seu principal objetivo é mostrar para a sociedade que a diversidade sexual faz parte da natureza humana e, sendo assim, é parte do projeto criador de Deus.

Escrever sobre a minha história de mãe católica com uma filha lésbica é muito simples para mim, porque é uma história de amor incondicional. Minha filha me falou que não conseguia namorar homens, que gostava de mulheres. Eu já tinha visto absurdos de sofrimento em pessoas LGBT com quem eu convivia, de quem eu cuidava e para quem dava o carinho que faltava em suas próprias famílias. Simplesmente respondi à minha filha que estava tudo bem, e que ela teria os mesmos direitos dos irmãos: trazer a namorada em casa, conviver com a grande família e ter a dignidade de filha amada de Deus, por mais que o povo da Igreja tentasse fazer a gente acreditar que ela não seria. Falei com firmeza: “Nunca duvide de que Deus é teu pai e Ele te ama!”.

A maneira como as coisas se desenrolaram dentro da comunidade religiosa é bem conhecida da maioria das pessoas LGBT e seus familiares. Aos poucos fui sendo deixada de lado, não servia mais para

catequista. Chegaram a pensar que eu iria monitorar o grupo de adolescentes levando a bandeira gay e transformando a homossexualidade em propaganda. Excluíram minha filha do grupo de que ela participava, fomos jogados à margem. Tudo o que fazíamos de bom deixou de ter valor. A partir daquele momento, só importava a orientação sexual da minha filha. Isso foi usado para nos condenar e excluir.

Nos afastamos da comunidade, mas não cortamos completamente os laços. Naquele momento eu só pensava que estava do lado certo e que, de alguma maneira, eu voltaria e aquele povo entenderia o nosso posicionamento. O que Jesus faria se estivesse diante daquela situação? Em que momento da vida de Jesus de Nazaré ele condenou a homossexualidade?

Logo começaram a surgir algumas demandas diante de mim: a mãe de uma amiga lésbica precisava de ajuda, pois enfrentava dificuldade para aceitar a

filha. Faltava informação sobre diversidade sexual. O desentendimento familiar estava instalado. Assim surgiu o grupo MAMI (Mães de Amor Incondicional). Nos reunimos para ajudar mamis, papis e familiares de pessoas LGBTI+. Ganhamos visibilidade porque minhas filhas acharam que os resultados alcançados pelo grupo eram muito significativos. Quando fomos convidadas para dar a primeira palestra em uma faculdade de Psicologia, percebemos que não éramos só um grupo de mães católicas com filhos LGBT, mas estávamos assumindo uma missão maior em nossas vidas: a de transformar realidades pelo caminho do amor. Ao mesmo tempo, encontrei um grupo católico de LGBT e fui convidada a conhecer um padre que explica a leitura histórico-crítica da Bíblia, e



isso me ajudou a acreditar plenamente que eu estou do lado certo. Esse grupo me acolheu e me incluiu em suas reuniões. Estamos na caminhada há cinco anos, e já perdemos as contas de quantas pessoas nos ajudaram e quantas almas em sofrimento emocional já fomos capazes de acolher.

Fiz especialização em Sexualidade Humana e desenvolvi um artigo sobre “Homossexualidade na Concepção da Religiosidade”, tema sobre o qual continuo estudando. Isso permite que o grupo MAMI tenha uma inserção maior na sociedade civil e na comunidade acadêmica. Somos ativistas na luta pelos Direitos Humanos, principalmente na pauta da diversidade sexual.

Hoje, sou assessora de coordenação do Grupo Católico de Acompanhamento Pastoral com Pessoas LGBT, que está inserido na dimensão social da arquidiocese de Curitiba. Além de acolhimento e cuidado pastoral com as pessoas que nos procuram, estamos iniciando um projeto de acompanhamento de pessoas LGBT no cárcere, em conjunto com a pastoral carcerária. Ganhamos visibilidade, o apoio e a confiança dos bispos, o que nos fortalece e permite maior atuação de evangelização e cuidado pastoral. Sou muito grata a Deus porque me presenteou com a Julia, uma pessoa que me levou à conversão e à compreensão de qual seria a minha verdadeira missão no mundo.

PAIS E MÃES NÃO DESISTEM DOS SEUS FILHOS

GC, 47 ANOS
MULHER CIS HÉTERO
RECIFE (PE)

As Mães pela Diversidade lutam pelo direito à vida e ao pleno exercício da cidadania de seus filhos e filhas. Sua missão é tirar famílias da população LGBTQI+ do “armário”, para que, juntos, possamos gritar mais forte contra o bullying, a opressão, a segregação e a discriminação que sofrem seus filhos desde crianças.

Abandonar minha igreja e todo o meu trabalho pastoral foi muito dolorido pra mim. Descobri que, na igreja onde eu me dedicava a trabalhar com amor na missão de evangelizar as famílias, a minha família não era respeitada. Isso me afastou da Igreja de Deus e de todos os ensinamentos que recebi da minha mãe a vida toda. A orientação sexual da minha filha era motivo pra que eu não me sentisse acolhida, e toda vez que a palavra proferida trazia a existência dela na comunidade religiosa como indevida, como pecado ou aberração, eu me sentia ofendida e menos pertencente àquele meio.

Me causou muita dor ter que me distanciar de Deus para evitar o lugar onde minha filha era tratada como uma doença contagiosa. Apontada como a pior das pecadoras, apenas pela sua orientação sexual.

Então, aprendi a criar meu templo em meu coração, a rezar por minha filha e pedir perdão pelos que

apontavam o dedo e a julgavam... escondi minha fé por vergonha de me declarar filha dessa Igreja que aponta, humilha e exclui.

No fundo, sempre soube que Deus, em sua infinita misericórdia, não permitiria que eu me afastasse definitivamente do amor dEle. Sabia que meu amor e minhas orações pela minha filha manteriam a fé acesa em nós. E assim foi. Deus nos resgatou e nos acolheu... ressuscitou nossa fé, e minha filha não precisou se transformar para ser novamente acolhida na Igreja. A Igreja é que se transformou para acolher de volta a minha família.

Hoje, rendo graças a minha mãe, que nunca desistiu nem de Deus, nem de mim, e assim me ensinou a perseverar na fé por amor a Deus e à minha família. Pais e mães não desistem dos seus filhos. Deus não desiste e não exclui, ele não segrega... Deus é Deus e ele sempre será Amor.

ENTRE IDAS E VINDAS, A CAMINHO DE CASA

CS, 46 ANOS
PESSOA NÃO-BINÁRIA LÉSBICA
RIO DE JANEIRO (RJ)

Lembro das primeiras orações, ainda pequena, com a minha avó. Lembro da primeira aula de religião no colégio, e do meu fascínio com a explicação de que a "oração" era "o telefone do coração". Lembro como fez total sentido para mim aquela imagem de uma comunicação direta com um "papai do céu", que eu "via", com inquestionável clareza, com os olhos do meu coração de criança.

Lembro, na adolescência, que minha atração e meu encantamento por meninas nem tinham nome direito. Eram os anos 1980, e o horizonte de possibilidades era estreito. Para onde quer que eu olhasse, tudo o que via eram meninos com meninas. E, no entanto, algo não encaixava, algo que desde sempre estava fora do lugar, algo que não funcionava "como devia". Lembro da palavra "sapatão" sussurrada pelas minhas costas, desde tão cedo.

Quando finalmente entendi, o medo e a culpa vieram

me envenenar com a ideia de que talvez meu Pai não gostasse de mim como eu era, de que não bastava ser quem eu era para merecer amor – eu precisava ser outra. Eu não tinha mais o direito de me aproximar com confiança da mesa da Eucaristia. Porque, na Igreja (e no mundo), diziam: eu era indigna. Errada. Ímunda. A Igreja que sempre tinha sido a casa luminosa do meu Pai virou um lugar sombrio de angústia, desamparo, abandono e solidão.

Passei anos procurando. Batia nas portas, à procura. Perdi a conta de com quantos padres conversei para entender qual era o problema. As respostas não faziam sentido. As palavras estavam erradas. O que eu vivia como experiências de amor, afeto e encontro, era chamado de perversão, egoísmo e isolamento. E falava-se em "amor" (de "deus", e da "igreja") onde tudo o que eu sentia era o peso de uma condenação arbitrária e o dilaceramento de ter de arrancar de mim quem eu sou.

Até que, um dia, ouvi de um jesuíta: “você tem razão: todo amor gera vida. Fica em paz” (foi o primeiro. Mas não seria o último). Ali, imediatamente, eu soube que era verdade o que no fundo eu tinha sabido aquele tempo todo, por baixo do manto pesado do terror do pecado. O que no fundo eu sempre soube – e que tinha me mantido procurando, em meio a tanta falta de sentido – era que eu era quem eu era; e que meu Pai nunca, nem por um instante, tinha me deixado só. Nunca, nem por um instante, ele tinha duvidado de mim (eu é que tinha duvidado dele). E, muito antes de mim mesma, e muito melhor do que eu mesma, ele sempre soube perfeitamente quem eu era. Me senti voltando para casa.

Aí, passei boa parte da minha vida adulta indo e vindo de Deus. Fases de profunda intimidade filial alternavam com outras em que ia me afastando, pouco a pouco, como se simplesmente esquecesse. Depois eu lembrava, e voltava. Mas, desde aqueles anos em que duvidei de Deus, não havia, na minha percepção, nenhum conflito. Muito pelo contrário – a Eucaristia tinha passado a ser, para mim, um acontecimento místico profundo. Até que uma amiga me disse: “acho que você se afasta de Deus porque não aceita totalmente sua orientação sexual”. E me indicou um grupo de católicos LGBT, que vinham se reunindo fazia pouco mais de um ano. Fiquei surpresa e achei que ela tinha falado uma enorme besteira: eu, como católica, não tinha problema nenhum com

minha orientação sexual. Mesmo assim, procurei o tal grupo.

Cheguei ao Diversidade Católica em 2008. Na missa, na hora da Eucaristia, quando pela primeira vez na vida me vi em comunhão com um grupo de pessoas que sabiam quem eu era, fui tomada por uma emoção completamente inesperada, como nunca tinha sentido. Só então compreendi que, por mais que eu me soubesse amada por Deus, a cada vez que entrava em uma igreja eu deixava uma parte de mim do lado de fora. Só então tomei consciência da dor e da violência da invisibilidade e do silenciamento na Igreja – só naquele momento, em que pela primeira vez me vi inteira na partilha e na comunhão com aquelas pessoas, quando experimentei a libertação que só a verdade é capaz de proporcionar (Jo 8, 32).

No Diversidade Católica comecei a aprender também que o amor de Deus não é uma realidade transcendental; não é uma experiência imaterial do amor de um Deus distante, abstrato, sentado em seu trono nas nuvens. Lá, comecei a aprender que o amor de Deus é algo muito concreto, que se materializa todos os dias em minha vida – nas amizades vividas, nos amores e afetos compartilhados, nos encontros, nos vínculos. E, sobretudo, na partilha das experiências, dos desafios e das conquistas; na esperança comum; no acolhimento e na empatia, seja na dor ou na alegria; na experiência da comunhão

e da fé em comunidade; na ética e nos valores evangélicos compartilhados. É aí que o amor de Deus se materializa, é aí que o Espírito sopra. Aí, onde e sempre que nos reunimos dois ou mais em Seu nome. Com a fundação da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, em 2014, e com minha integração à sua equipe de coordenação em 2018, a realidade do amor desse Deus que é nosso Pai e Mãe e desse Espírito que sopra nos encontros, no trabalho e na comunhão que tecem nossas comunidades vem se tornando mais concreta e profunda na minha vida, a cada dia.

Em 2015, recebi um diagnóstico de câncer. Precisei fazer quimioterapia. Foram meses difíceis, de dor, medo, solidão. Uma experiência de total perda de sentido, de forma, de tudo que eu acreditava saber. Em 2019, veio a metástase, e novos tratamentos. Nesse processo, em algum momento também Deus perdeu a forma para mim. Já não o encontrava mais nos lugares e maneiras que eu conhecia, já não escutava sua voz. Mais uma vez, fiquei só. Mas não parei de procurar. Fui bater em outras portas. E, procurando, fui buscar onde eu jamais teria olhado, e buscando fui encontrando o que não esperava encontrar, o que nem teria olhos para ver, nem capacidade de imaginar.

Aprendi que sou filha das Águas do Mar e do Céu Infinito, e que lá onde Minha Mãe e Meu Pai se

encontram, onde eu nasço, é o horizonte. Aprendi com os orixás, e com as entidades e guias, que estou cercada de amigos e de uma luz tão amorosa, tão inexplicável e tão imensa cuidando todo o tempo de mim que não há forma, material ou imaterial, concreta ou abstrata, que possa contê-la ou limitá-la; e que nunca – mesmo no maior desamparo, mesmo na maior dor – eu nunca estou só. Aprendi a força divina encarnada, que faz templo dos nossos corpos e dança com a gente. Aprendi de novo a ser Igreja, numa comunidade de caminhantes para onde o sopro fresco da Ruah me levou e mais uma vez me fez encontrar Cristo entre irmãs e irmãos. E aprendi mais uma vez, todos os dias, o amor e a partilha de um caminho, e de valores, e de amigos, e de uma casa, e de uma família com uma mulher que é dona de um sorriso feito de luz e de um abraço feito de amor, e que com eles marca todos os lugares e todas as pessoas por onde passa. E, da morte, nasci outra vez.

Há dois anos, veio mais uma vez a verdade me libertar. Aos 44 anos, enfim pude me entender para além do binarismo de gênero mulher/homem. Algo que nem tem nome direito, ainda. É 2020, e o horizonte humano é tão estreito – e o horizonte divino, esse infinito. E o meu próprio – lá, onde me encontro comigo – enfim veio se descortinar à minha frente um pouquinho mais à imagem de D*us, que não se deixa aprisionar pelas amarras humanas,



que não se reduz às escamas que nos cobrem os olhos. O que no fundo eu sempre soube – e que me mantém procurando – é que eu sou quem eu sou; e que D*us, que é Puro Amor e Infinita Criatividade, nunca, nem por um instante, me deixa só. Nunca, nem por um instante, duvida de mim. E, muito antes de mim mesma, e muito melhor do que eu mesma, sabe quem eu sou. O que hoje eu sei é que sou peregrina no deserto, seguidora de Jesus, Rainha do Céu, sempre a caminho de casa. E nasço outra vez todos os dias.

POSFÁCIO | HISTÓRIAS DE FÉ, AMOR E COMUNHÃO

EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA REDE
NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT

As histórias aqui reunidas dão testemunho de como tantas pessoas que são católicas são também lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero, queer, intersexo – e todas as outras variantes que não se enquadram nos estereótipos de gênero e sexualidade que predominam na nossa cultura. Do mesmo modo, tantas e tantas são também pais e mães, irmãos e irmãs, filhos, primos, sobrinhos, amigos, amigas, vizinhos, conhecidos de pessoas LGBTQI+. É a partir dessa realidade que as pessoas católicas e suas comunidades se veem chamadas a refletir sobre identidades, sexualidades, orientações sexuais, experiências de gênero, desde suas próprias vivências religiosas e concepções cristãs; e também sobre suas vivências religiosas e concepções desde suas próprias identidades, sexualidades, orientações sexuais e experiências de gênero. Afinal, é só a partir da nossa experiência humana concreta, encarnada em nossas vidas e nas vidas das nossas comunidades de fé que nós, que seguimos Jesus, a Palavra Encarnada de Deus, O encontramos, no Templo dos nossos corpos. Foi por isso, tendo em vista o respeito às diferentes experiências pessoais envolvidas, que mantivemos, em cada relato, a maneira escolhida por cada um dos autores e autoras destes textos para referir-se a si mesmos e à diversidade sexual e de gênero.

O lançamento desta coletânea, que reúne os relatos generosamente compartilhados para a campanha #TestemunhosDaDiversidade, vem marcar a celebração do sexto aniversário da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT – ocasião em que fazemos memória da nossa caminhada e lançamos o olhar para nossos horizontes.

Desde a década de 1960, vêm se organizando por todo o mundo grupos de pessoas católicas LGBTQI+, que realizam um trabalho pastoral de acolhida, partilha de experiências e aprofundamento da fé. No Brasil,

esse movimento teve início em 2007, com o surgimento, no Rio de Janeiro, do primeiro Diversidade Católica. Nos anos seguintes, seguiram-se outros coletivos, do Sul ao Nordeste do país. Em 2014, representantes de sete grupos existentes à época reuniram-se no I Encontro Nacional de Católicos LGBT, no Rio, e ali nasceu a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, lançando um manifesto que começava afirmando: “somos filhas e filhos de Deus e da Igreja”. Em junho de 2018, no II Encontro Nacional de Católicos LGBTI+, em São Paulo, representantes de quinze grupos de todo o país criaram uma constituição para a Rede e elegeram a primeira equipe nacional de coordenação, assumindo como missão “promover e difundir a Boa Nova de Jesus Cristo e o projeto plenamente inclusivo do Reino de Deus, partilhando a experiência do Amor, da Liberdade, da Justiça e da Vida em abundância com todas as pessoas que são excluídas da Igreja e/ou da sociedade em virtude de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual”. Em 2020, a Rede reúne vinte grupos e integra a Global Network of Rainbow Catholics (GNRC), que congrega grupos de “católicos do arco-íris” de todo o mundo.

Com perfis e trajetórias bastante distintos, refletindo uma ampla riqueza e diversidade de experiências, os grupos católicos LGBTQI+ brasileiros são coletivos leigos que se organizam a partir da necessidade de criar, para aquelas e aqueles que buscam conciliar sua pertença religiosa católica romana com suas identidades como pessoas LGBTQI+, espaços seguros de acolhimento respeitoso, partilha de experiências e vivência da fé cristã em comunidade. São espaços de encontro e de troca, de reflexão e escuta, de aprofundamento de nossa fé e espiritualidade; espaços que são necessários porque prevalece ainda, na Igreja e no mundo, a noção de uma suposta incompatibilidade entre a diversidade sexual e de gênero e a pertença religiosa, especialmente a pertença ao cristianismo em geral, e ao catolicismo romano em particular. Essa percepção segue sendo constantemente repetida e reforçada das mais diferentes formas e acarreta violências as mais diversas, como mostram tantos destes testemunhos. Mas as histórias aqui reunidas vão muito além disso.

Estas histórias são **histórias de fé**, porque é pela fé que seguimos. Fé em Cristo e na Igreja. Fé na Boa Nova do Amor Incondicional, do Amor Incompreensível com que cada um, cada uma de nós é amada. Fé na Infinita Criatividade com que toda a Criação foi gestada e trazida à luz – Criatividade que faz da diversidade da vida um atributo divino. Fé no sopro fresco e abrasador da Ruah Santa de Deus que nos move, nos alimenta e nos anima a permanecer e caminhar com nossa Igreja como Corpo de Cristo.

Estas são **histórias de amor**. Nelas se revela, luminosa, nossa amizade com Jesus, em toda a sua



cumplicidade e confiança. Porque com Ele caminhamos, em Sua estrada, somos chamados a, profeticamente, denunciar a violência e a injustiça e anunciar o Reino. Porque O temos em nossas vidas como nosso amigo íntimo e pessoal, aprendemos com Ele a nos vermos com Seus olhos, e assim aprendemos sempre de novo o significado de nos amarmos a nós mesmos como Ele nos ama. Porque nossos corações estão unidos ao Seu, nós O vemos em nossas irmãs e irmãos e se enraíza em nossos corações o ímpeto vital de sermos Igreja e trabalhar para produzir, como comunidade, frutos abundantes.

Por isso, estas histórias são **histórias de comunhão**. Porque, pela fé e pelo amor, somos chamados a ser Corpo de Cristo e com Ele trabalhar na construção do Reino, fazendo oferta das pessoas que somos e das comunidades que formamos com nossos dons, nossos talentos e nossas dádivas. Pela fé e pelo amor, criamos espaços onde plantamos sementes de vida que nos nutrem e enriquecem e de onde saímos a semear e gerar bons frutos, contribuindo assim para a construção de um mundo de mais justiça e igualdade, em que haja espaço para cada pessoa florescer na diversidade.

A REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT NO BRASIL

No **Nordeste**, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT conta atualmente com sete grupos. Os dois primeiros grupos da região, o Diversidade Católica de Fortaleza e o grupo Filho de Davi – Católicxs pela Diversidade, iniciaram seus trabalhos em 2014. O Diversidade Cristã de Teresina e o Diversidade Cristã de Mossoró foram fundados em 2016. Em 2017 surgiu, também em Fortaleza, o Porta da Misericórdia – seguido, em 2019, pelo Diversidade Cristã de São Luís e, em 2020, pelo Diversidade Cristã de Recife.

Na capital cearense, o Diversidade Católica de Fortaleza e o Porta da Misericórdia atuam em parceria. O primeiro realiza encontros mensais, que prezam pela partilha de vida e da Boa Nova; o segundo é um grupo de oração e trabalho pastoral que se reúne semanalmente e realiza retiros. Ambos têm realizado atividades conjuntas com coletivos que trabalham com juventude e diversidade sexual e de gênero, além de congregações e paróquias católicas romanas.

O Filho de Davi – Católicxs pela Diversidade, com sede em Iguatu (CE), é um grupo de base de católicas e católicos, em sua maioria jovens, empenhados na promoção da diversidade e da liberdade de ser, movidos pelo evangelho de Jesus. O coletivo, irmanado com a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, luta contra todas as formas de opressão. Realiza encontros mensais, além de uma Assembleia Geral todo mês de dezembro e, em julho, o Tríduo de Santa Maria Madalena, padroeira do grupo.

O Diversidade Cristã de Teresina iniciou seu trabalho em 2016, com apoio dos padres redentoristas, em cuja casa se reúne mensalmente. Nesse espaço de acolhimento e apoio emocional, lugar de oração e partilha, os

participantes – pessoas LGBTQI+ e seus familiares – debatem temas concernentes à realidade das pessoas LGBTQI+. O grupo promove ações sociais e encontros informais entre seus membros, a fim de fortalecer os vínculos e criar comunidade.

O Diversidade Cristã de Mossoró, criado em 2016, tem se constituído como o único movimento social do estado a defender o direito à religião e à liberdade de crença, independente da identidade de gênero e orientação sexual. Ao longo de sua trajetória, o coletivo vem se tornando um espaço de discussão e acolhimento para todos e todas que sofrem as consequências do estigma e da exclusão na Igreja, levantando a bandeira do amor incondicional de Deus por todas as pessoas e reafirmando a condição de filhos e filhas de Deus de todas as pessoas LGBTQI+. Por sua abertura para receber todas as pessoas, o Diversidade Cristã de Mossoró é marcado pela heterogeneidade de seus participantes e prima pelo diálogo inter-religioso e ecumênico.

O Diversidade Cristã São Luís foi criado com objetivo central de acolher todas as pessoas, independente de credo, raça, ideologia, gênero ou sexualidade. O conselho do grupo, com quatro membros, se reúne no fim do ano para programar o calendário de atividades e encontros do ano seguinte, com formações, rodas de conversa, debates, partilhas e, voltadas para o público externo, atividades socioeducativas visando também à divulgação do trabalho. Os encontros, sem sede fixa, ocorrem em locais diversos.

O Diversidade Cristã Recife teve sua primeira reunião em 07 de janeiro de 2020 e contou com a presença de 11 pessoas, apoiados por religiosos e pelos grupos Mães pela Diversidade e Mães pela Igualdade. O grupo pretende ser inclusivo e acolher a comunidade LGBTQI+ e apoiadores, seguindo uma tradição católica e ecumênica.

Na região **Centro-Oeste**, temos dois coletivos: o Diversidade Cristã Brasília e o Prisma da Fé, os dois no Distrito Federal. O Diversidade Cristã de Brasília, formado por leigos e leigas católicos LGBTQI+, tem por fundamento a diversidade e a liberdade de pensamento. O grupo foi criado em julho de 2013, com o apoio dos jesuítas. Sua vocação é a partilha de experiências sobre amor, liberdade de expressão e pensamento, justiça social e vida em abundância, resgatando pessoas que são excluídas da Igreja e/ou sociedade em virtude de sua orientação sexual ou de gênero. Com a disponibilidade e união de dons de muitos de seus integrantes, o coletivo procura realizar ações concretas de acolhida e amparo a irmãos LGBTQI+ em situações de vulnerabilidade e exclusão social. Além das reuniões regulares, sempre no primeiro sábado de cada mês, o Diversidade Cristã

de Brasília é responsável pela liturgia da missa dos terceiros sábados do mês na comunidade dos jesuítas, e realiza dois retiros espirituais por ano.

O Prisma da Fé nasceu em fevereiro de 2018 na Paróquia de São Camilo (Asa Sul). O grupo permaneceu na comunidade camiliana por quase cinco meses de fé e paz, participando nas missas e adorações ao Santíssimo na paróquia. No entanto, diante da rejeição da comunidade, o grupo precisou deixar a paróquia, sendo acolhido pela Catedral Anglicana, onde seus integrantes passaram a se reunir semanalmente, sempre às quintas-feiras. O grupo se coloca como instrumento para concretizar o combate à exclusão e à marginalização das pessoas LGBTQI+, promovendo acolhimento, integração e crescimento espiritual por meio da oração, de atos de caridade e da experiência em comunidade. Além dos encontros semanais, o Prisma da Fé é responsável pela liturgia da missa dos primeiros sábados do mês na comunidade dos jesuítas, contribuem com as ações sociais do centro social anglicano e realizam um retiro anual visando à comunhão na fé e no amor de Cristo, além da busca de discernimento quanto à posição cristã face aos desafios que se apresentam. Os grupos cristãos católicos de Brasília exercitam o diálogo aberto e fraterno e se propõem, como já disse o papa Francisco, a serem “pedras vivas da Igreja”.

No **Sul** do país os grupos iniciaram no Paraná, após o I Encontro Nacional de Católicos LGBT, em 2014. Contamos com dois grupos na região. O primeiro deles, o Grupo Católico de Acompanhamento Pastoral com Pessoas LGBTQI+, iniciou no ano de 2015, na Paróquia Bom Jesus dos Perdões, em Curitiba. É um grupo de espiritualidade franciscana, visto que a paróquia está sob os cuidados dos frades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, que designaram um frei para acompanhar as atividades do coletivo. As reuniões são mensais, sempre no terceiro sábado do mês às 17h, no Centro de Formação da paróquia. A coordenação do grupo integra o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e a Dimensão Social da Arquidiocese de Curitiba, realizando atividades em parceria com outros movimentos e/ou pastorais.

Também em 2015, na cidade de Maringá, começaram as atividades do Grupo de Oração e Partilha Arco da Aliança. O coletivo, pautado pela espiritualidade inaciana, se reúne na Paróquia Divino Espírito Santo quinzenalmente, nos domingos à noite. O grupo conta com membros ligados a diferentes pastorais e movimentos, além de pessoas de outras denominações religiosas, e procura estreitar os laços fraternos entre os participantes por meio da convivência em outros ambientes, inclusive com encontros em suas casas.

Os coletivos da região sul se propõem a ser núcleos de vivência e aprendizado cristão, canais permanentes de comunicação entre grupos de católicos/as LGBTQI+, mantendo o respeito por todas as expressões religiosas e condenando toda e qualquer forma de preconceito e agressão, seja física ou moral. Sua vocação é contribuir para o desenvolvimento pessoal de seus integrantes – como membros autênticos da Igreja Católica Apostólica Romana, pelo batismo e por sua profissão de fé – e da comunidade externa. Através desses coletivos, também a Igreja local se apresenta misericordiosa e integradora à população LGBTQI+, seus familiares e todos e todas que acreditam no projeto de Deus. Somos todas e todos chamados à unidade do Reino, sem exclusões.

O princípio que direciona as ações dos grupos da região sul é semear o bem. O trabalho exige persistência, mas seguimos na certeza de que um dia se encontra a “terra boa” (Mc 4, 8) para a semente germinar.

O **Sudeste** é a região onde se concentra o maior número de coletivos da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, sendo dois deles os mais antigos do país. Foi no Rio de Janeiro que surgiu, em 2007, o primeiro grupo a se intitular Diversidade Católica (DC-RJ). Desde então, esse coletivo leigo se dedica à conciliação da fé cristã com a diversidade sexual e de gênero, partilhando a experiência do amor de Deus junto a todos aqueles e aquelas que, em virtude de sua identidade e/ou orientação sexual, frequentemente são afastados da comunidade eclesial. Em seus encontros mensais, o grupo faz a celebração eucarística e busca promover o diálogo e a reflexão, a oração e a partilha, a partir da compreensão de que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, sem distinção.

Ainda no Rio, o grupo Abraço Cristão se reúne todos os meses, desde março de 2019, na paróquia Imaculada Conceição, no Recreio, zona oeste carioca. O coletivo procura ser um espaço de apoio, reflexão e ajuda entre pessoas LGBTQI+, seus pais, familiares e amigos, proporcionando-lhes um lugar seguro e acolhedor, onde possam se sentir inseridos numa Igreja que ama a TODOS, sem exceção.

Em 2010, surgiu na cidade de São Paulo o segundo grupo brasileiro, chamado, num primeiro momento, de “Pastoral da Diversidade” – que, posteriormente, se tornaria o Grupo de Ação Pastoral da Diversidade (GAPD-SP). O coletivo se reúne, habitualmente, a cada quinze dias, numa casa cedida pelos franciscanos, na região do Belém. Além dessas reuniões, centradas na Eucaristia e na leitura da Palavra, o grupo faz discussões temáticas sobre questões LGBTQI+ e integra outras pastorais.

Também na capital paulista, ligado à paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Itaquera, zona leste da cidade, temos o Movimento Pastoral LGBT+ Marielle Franco (MOPA), com reuniões mensais. Inspirado em uma espiritualidade libertadora, aberta à transformação pessoal e social, ao ecumenismo e a toda forma de diversidade, o MOPA tem por missão acolher pessoas LGBTQI+ e suas famílias, propiciando a reflexão, a vivência da espiritualidade e a promoção humana integral. Busca ser um espaço de vivência pastoral, em comunhão com a Igreja e diálogo com os movimentos sociais.

No interior de São Paulo, em processo de consolidação, o Diversidade Católica de Ribeirão Preto e região se propõe a realizar encontros presenciais, ainda sem uma periodicidade fixa. O objetivo do grupo é acolher a cada um e cada uma, convidando seus membros a (re)abraçar seu batismo, que é indelével, e (re)assumir sua pertença à Igreja, que é inalienável, dando suporte nos momentos difíceis e incentivo a participar em suas paróquias.

Já o Diversidade Católica Campinas se reúne sempre no terceiro domingo de cada mês; fundado na festa da Assunção de Maria, em 2018, o coletivo iniciou seus encontros em casa de membros, e hoje é acolhido em uma casa jesuíta. O grupo é composto por gays e lésbicas atuantes na Igreja e agentes de pastoral da Arquidiocese de Campinas que são aliados, e é acompanhado por padres e religiosos.

Em Minas, contamos com o Diversidade Católica de Passos, em formação, e dois coletivos na capital do estado. O DC-BH se reúne quinzenalmente, alternando quintas à noite e sábados à tarde. Em dois anos de trabalho, o grupo alcançou inserção e comunhão na vida paroquial, atuando lado a lado com outras pastorais e grupos, tendo chegado a conquistar parcerias importantes e apoios a diversas iniciativas da militância LGBTQI+ em Belo Horizonte.

O Cristãos pela Diversidade é formado por leigos católicos que se reúnem a partir da perspectiva religiosa, tendo como ponto de partida sua existência/experiência individual como pessoas LGBTQI+. O coletivo visa ao acolhimento pessoal e espiritual das pessoas LGBTQI+, seus familiares e aliados, além de promover ações sociais práticas.

CONTATO

Nosso E-MAIL: REDECATOLICOSLGBT@GMAIL.COM

Nosso SITE: WWW.REDECATOLICOSLGBT.COM.BR

Diversidade Católica Fortaleza	Fortaleza (CE)	dcf.fortaleza@gmail.com
Grupo Porta da Misericórdia	Fortaleza (CE)	portadamisericordia@gmail.com
Grupo Filho de Davi – Católicos pela Diversidade	Iguatu (CE)	luan_layzon@hotmail.com
Diversidade Cristã Teresina	Teresina (CE)	corneliopsi@hotmail.com
Diversidade Cristã de Mossoró	Mossoró (RN)	diversidade.crista.mossoro@gmail.com
Diversidade Cristã de São Luís	São Luís (MA)	diversidadecristasz@gmail.com
Diversidade Cristã de Recife	Recife (PE)	diversidadecristarec@gmail.com
Diversidade Cristã Brasília	Brasília (DF)	diversidadecristabrasilia@gmail.com
Prisma da Fé	Brasília (DF)	prismadafe@gmail.com
Grupo Católico de Acompanhamento Pastoral com Pessoas LGBTI+	Curitiba (PR)	redecaticoslgbt@gmail.com
Arco da Aliança – Diversidade Católica de Maringá	Maringá (PR)	avelarfc@hotmail.com
Diversidade Católica do Rio de Janeiro (DC-RJ)	Rio de Janeiro (RJ)	contato@diversidadecatolica.com.br
Abraço Cristão – Diversidade Católica	Rio de Janeiro (RJ) – Recreio	abracocristaopmac@gmail.com
Grupo de Ação Pastoral da Diversidade (GAPD-SP)	São Paulo (SP) – Belém	diversidadesp@hotmail.com
Movimento Pastoral LGBT+ Marielle Franco (MOPA)	São Paulo (SP) – Itaquera	mopamariellefranco@gmail.com
Diversidade Católica Ribeirão Preto e Região	Ribeirão Preto (SP)	diversidadecatolicarp@gmail.com
Diversidade Católica Campinas	Campinas (SP)	diversidadecatolicacampinas@gmail.com
Diversidade Católica de Passos	Passos (MG)	egidioquerino@gmail.com
Diversidade Católica de Belo Horizonte	Belo Horizonte (MG)	felipeista@outlook.com
Cristãos Pela Diversidade BH	Belo Horizonte (MG)	cristaospeladiversidade@gmail.com

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas participantes dos grupos pastorais da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT que, pelo amor à Igreja Católica Apostólica Romana e compromissadas com a construção do Reino, contribuíram com seus testemunhos para este projeto, mostrando por meio de suas histórias que a comunhão, o respeito e a dignidade são valores cristãos inegociáveis e que valem a luta.

À Mariana Rodrigues e à Bela Pinheiro, diagramadora e ilustradora desta publicação, respectivamente, que, de forma generosa, colocaram seus talentos à disposição, trazendo beleza para este projeto.

À Lea Carvalho e à Malu Santos, da Metanoia Editora, pela parceria editorial inestimável na publicação deste projeto e pela amizade, a ser celebrada sempre.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT

COORDENAÇÃO BIÊNIO 2018-2020

ORGANIZAÇÃO: CRIS SERRA, JEFERSON BATISTA SILVA E MURILO ARAÚJO

TESTEMUNHOS: INTEGRANTES DOS COLETIVOS PASTORAIS DA REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT

REVISÃO: CRIS SERRA E JEFERSON BATISTA SILVA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: MARIANA RODRIGUES

CAPA E ILUSTRAÇÕES: BELA PINHEIRO (@BELAILUSTRADORA | WWW.BELAILUSTRADORA.COM)

APOIO EDITORIAL: METANOIA EDITORA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T326

TESTEMUNHOS DA DIVERSIDADE [RECURSO ELETRÔNICO] : HISTÓRIAS DE FÉ, AMOR E COMUNHÃO / ORGANIZAÇÃO CRIS SERRA, JEFERSON BATISTA SILVA, MURILO ARAÚJO ; ILUSTRAÇÃO BELA PINHEIRO. - 1. ED. - RIO DE JANEIRO : AUTORALE, 2020.
RECURSO DIGITAL

FORMATO: EBOOK

REQUISITOS DO SISTEMA: AUTO EXECUTÁVEL

MODO DE ACESSO: WORLD WIDE WEB

ISBN 9786599076930 (RECURSO ELETRÔNICO)

1. IDENTIDADE DE GÊNERO. 2. IDENTIDADE DE GÊNERO - ASPECTOS RELIGIOSOS. 3. TESTEMUNHOS (CRISTIANISMO). 4. CATOLICISMO.
5. LIVROS ELETRÔNICOS. I. SERRA, CRIS. II. BATISTA SILVA, JEFERSON. III. ARAÚJO, MURILO. IV. PINHEIRO, BELA.

20-65421

CDD: 305.3

CDU: 27-305-055.3

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO POR
GARDENIO MODERN E FOLKS
EM FORMATO DIGITAL



INSTAGRAM: @REDECATOLICOSLGBT
FACEBOOK: REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT
SITE: WWW.REDECATOLICOSLGBT.COM.BR
E-MAIL: REDECATOLICOSLGBT@GMAIL.COM

APOIO

Metanoia
EDITORA

AUTORALE

nós somos o corpo de Cristo

“Vivemos tempos sombrios, que exigem de nós fortaleza, ânimo e esperança para seguirmos resistindo contra as trevas e lutando por um mundo melhor. Em tempos de ataques constantes à nossa comunidade, por meio dos quais o ordenamento de gênero patriarcal e cis-heteronormativo vai sendo reforçado mediante o uso, muitas vezes, de uma linguagem e símbolos cristãos, nossos testemunhos vêm se juntar à disputa de narrativas sobre o que é e o que significa o cristianismo não apenas no campo religioso, mas no espaço público mais amplo.

[...] Queremos revelar um seguimento de Cristo que seja coerente com Seu Evangelho. E o seguimento de Cristo, para ser coerente com Seu Evangelho, precisa levar ao engajamento na luta antirracista e pelos direitos humanos – inclusive os direitos sexuais e à livre expressão de gênero, no marco da laicidade do Estado. Para ser coerente com o Evangelho, quem caminha com Cristo precisa unir-se à luta por igualdade e justiça para todas as pessoas – especialmente as mais marginalizadas, como as LGBTQI+ – dentro e fora das Igrejas cristãs.”



Rede Nacional de
Grupos Católicos LGBT



9 786599 076930